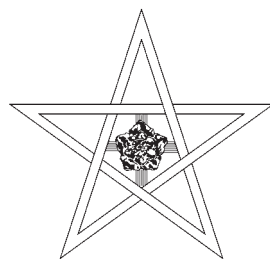


pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

não o antigo, mas o universal
a cabala como processo de transformação
espinoza e a sabedoria judaica
realismo mágico – a magia da realidade
a viagem de mantao

2015 | NÚMERO 3



Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno vir-a-ser, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração. A revista **pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

Edição

Rozekruis Pers

Redação Final

Peter Huijs

Redação

Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Hans Peter Knevel, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Gerreke Uljée, Lex van den Brul

Diagramação

Studio Ivar Hamelink

Secretaria

Kees Bode, Gerreke Uljée

Redação

Pentagram

Maartensdijkseweg 1

NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos

e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira

Pentagrama Publicações

www.pentagrama.org.br

Administração

Pentagrama Publicações

C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP

livros@pentagrama.org.br

Publicação digital

Acesso gratuito

Responsável pela Edição Brasileira

Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão

Adriana Ponte, Emanuel Saraiva, Leonel Oliveira, Rossana Cilento, Amana da Matta, Denison de Sá, José de Jesus, Marcia Moraes, Marlene Tuacek, Mercês Rocha, Neusa Solis, Rafael Albert, Ellika Trindade, Fernando Leite, Francisca Luz, João Batista Ponte, Lino Meyer, Luis Alfredo Pinheiro, Marçilio Mendonça, Roquefêlix Luz, Urs Schmid

Diagramação, capa e interior

Dimitri Santos

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP

Tel. & FAX: (11) 3208-8682

www.rosacruzaura.org.br

info@rosacruzaura.org.br

Sede em Portugal

Praça Anônio Sardinha, 3A (Penha de França) 1170-022

Lisboa

lisboa@rosacruzaura.org

portugal@rosacruzaura.org

A revista Pentagrama é publicada seis vezes por ano em alemão, inglês, espanhol, francês, húngaro, holandês e português.

Ela é publicada apenas quatro vezes por ano em búlgaro, finlandês, grego, italiano, polonês, russo, eslovaco, sueco e tcheco.

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

pentagrama

ano 37 2015 número 3

Viajantes! Se forem a Paris, Melbourne, Bruxelas ou outros focos de conflitos atuais na terra, mandem nossa saudação para os que caíram. Para onde quer que eles tenham ido, levem-lhes nossos cumprimentos com pensamentos de amor e liberdade. Mas não se deixem levar pela retórica dos que dizem que deram sua vida, pois ela lhes será tirada. E não fiquem entorpecidos com os gritos de “liberdade” ou “opinião” – pois as massas não conhecem liberdade alguma. Elas não se movem: elas são movidas! A liberdade nasce quando a própria pessoa se coloca em movimento interiormente. Chegamos ao conhecimento quando nos afastamos para fugir da vergonha da ignorância.

Em uma recente edição da revista **pentagrama**, publicamos um artigo sobre a Gnosis que está por trás da sabedoria islâmica dos sufis.

Nesta edição, vocês podem entrar em contato com os raios de luz da sabedoria judaica da cabala. Quem estiver em busca da Luz e ansiar por ela, com certeza irá encontrá-la – e não importa de onde ela venha.

Por onde forem, mostrem a todos este poema de Al-Ma'arri (ca. 1050):

*Vossa boca clama: “Não há nenhum deus além de Deus!”
Mas vosso coração e alma têm medo de Lhe dar razão.
Eu juro: vossa Torá não vos traz mais luz
nem a explica mais do que vosso vinho, que está nela.
Tende cuidado com o relâmpago nas nuvens!
Há espadas desembainhadas que realizam os desígnios do destino.
Os muçulmanos erraram, os cristãos se desviaram do caminho reto,
os judeus equivocaram-se, os zoroastristas desapareceram.
Neste mundo existem apenas dois tipos de pessoas:
Os homens inteligentes sem religião
e os religiosos sem inteligência.*



Ilustração da capa: *Triple blue water* (Tríplice água azul). Uma combinação única de uma pintura de Pikka Blake com uma fotografia de Kos Evans
© CPN-Canon, Kos Evans

o navio celeste no livro dos mortos egípcio

não o antigo, mas o universal
j. van rijckenborgh 2

a cabala como processo de transformação

daniel van egmond 6
espinoza e a sabedoria judaica 18
a árvore da vida 27

realismo mágico – a magia da realidade 28

c.m. christian

a viagem do manto 34

a redescoberta da gnosis III 38

não o antigo, mas o universal

A filosofia da Rosacruz Áurea somente é atual em sua maneira de se expressar. A linguagem e as imagens são modernas, mas o conteúdo e o objetivo são tão antigos quanto a própria humanidade dialética e estão em perfeita e pura sintonia com a verdadeira sabedoria superior de todos os tempos. Basta que um lampejo de reminiscência, ou seja, que a memória original ou consciência superior brilhe em nós, para que reconheçamos imediatamente a natureza dessa filosofia. Mas o subconsciente e a consciência intelectual comum também podem, com um pouco de dificuldade, descobrir que a filosofia da Rosacruz Áurea está segura e solidamente baseada na Doutrina Universal.

Jan van Rijckenborgh

Trata-se de cumprir uma tarefa de acordo com uma verdade que é sempre a mesma, imutável: levar de volta o homem decaído para a pátria original, e, sem introduzir nem sequer a mínima alteração, indicar-lhe o único caminho, a única verdade e a única vida. Por outro lado, o que se altera é a época, a natureza e a profundidade da decadência humana, assim como o estado físico e psíquico da humanidade. Como consequência, o ensinamento universal adapta-se às necessidades. Não pretendemos revivificar o antigo, mas sim o universal. Não queremos testar os métodos antigos, mas os universais em seu significado moral-racional dos dias de hoje. É a maneira como entendemos a palavra de Cristo: “o que era velho já passou; eis que tudo se fez novo” (II Coríntios, 5:17). E, em aparente contradição: “Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para

cumprir” (Mateus, 5:17). O eterno, imperecível, manifesta-se no tempo em concordância com o agora.

Se uma obra espiritual florescente não conseguir perseverar nessa meta, estará morta. Todo movimento espiritual tem a missão de entender o universal no hoje. Talvez cause estranheza chamarmos a atenção para o passado, e, mais ainda, para o navio celeste do *Livro dos Mortos egípcio*. Fazemos isso numa tentativa de assim firmar a atualidade por meio de um olhar para o passado e, se possível, com essa tentativa, transformar uma eventual parada no curso de nossa vida em um verdadeiro retorno à pátria. Diz Paulo em II Coríntios (5:17): “o que era velho já passou; eis que tudo se fez novo”. Sim, o que era velho passou, ficou novo. O que ficou novo? Ao observarmos a ilustração do *Livro dos Mortos egípcio*, não podemos deixar de ver o navio celeste, a barca solar. De um



Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri são os fundadores da Escola Internacional da Rosacruz Áurea. Nessa escola eles explicaram aos alunos a senda da libertação da alma de várias maneiras, utilizando-se muitas vezes de textos originais da doutrina universal, tendo sido um exemplo pra eles, pois além de estudar seriamente a senda, realizaram-na em suas vidas.



Nun levanta acima das águas originais a barca de Rá (indicada pelo escaravelho e pelo disco solar), tripulada por sete deuses com os quais se iniciam a Criação e o Tempo. Ilustração do Livro dos Mortos de Anhai, ca. 1050 a.C.
Fonte: R.H. Wilkinson, *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*, 2003 (Todos os deuses e deusas do Egito antigo)

lado, vemos Osíris ocupando seu lugar na barca solar e contemplamos seus sete raios. A barca também está quase sempre equipada com sete remadores ou tem sete remos. Às vezes Ísis está sentada ao lado de Osíris e sete raios dão forma à criança – Horus. Quando Xisuthmis – o Noé caldeu – é salvo, vemos sete deuses tomarem seus lugares no navio celeste. Quando o chinês Yao sobe a bordo, vemos nitidamente como sete figuras o acompanham. Podemos lembrar também de Mani e os sete rishis que viajam com ele em sua arca. Podemos ainda chamar a atenção para relatos semelhantes nos *Puranas*, sobretudo para o *Wendidád* persa, um dos mais antigos livros sagrados. Ali, Ahura Mazda Yima ordena a seu servo: “Faze uma *wara* – ou seja, um cercado – e uma *argha* – uma arca – um veículo. Leva na arca todos os germens dos seres vivos originais, tanto masculinos como femininos, e tritura a terra com tuas mãos. Traze à vida todas as luzes incriadas”.

Na arca de Noé não é diferente. Na barca solar com a qual saiu da inundação da natureza, Noé levou todos os princípios de vida necessários para uma vida realmente divina. Na Arca da Aliança, no mais recôndito do tabernáculo, que se encontra no deserto, e no templo de Jerusalém, vemos igualmente todos os atributos para uma vida verdadeiramente divina. O Novo Testamento fala a respeito de sete anjos e sete trombetas. Os sete anjos sopram sucessivamente em suas trombetas. “E o sétimo anjo soprou e elevaram-se sete potentes vozes no céu” como lemos no Apocalipse.

As vozes jubilavam: todos os aspectos do nosso cosmo planetário vieram a ser por meio de nosso Senhor e de seu Cristo. O templo divino no céu abre-se e, no centro, o discípulo vê a arca, a barca solar, o navio celeste que chegou. Vemos nitidamente em nossa consciência que a barca solar de Osíris, apresentada no *Livro dos Mortos* egípcio, é a mesma que a do

vidente de Patmos. E o significado é sempre o mesmo. Para melhor esclarecer esse significado inalterável, tomemos o navio celeste de Yima do *Wendidád*. Primeiro Yima faz uma *wara*, ou seja, um cercado, um lugar de trabalho. Nessa *wara* ele constrói uma arca, um novo veículo, de acordo com a Lei Universal.

O homem da *wara* é o livre construtor: aquele que trabalha com o novo martelo e com a nova palavra. É o homem que cria um novo lugar de trabalho, o homem que se distancia terminantemente da vida terrena, aquele que entra no novo campo de vida para ali construir sua arca. Essa arca, a barca solar, o navio celeste, é a designação mística para o homem divino que retoma sua viagem para a pátria original. Para fazer isso – construir e empreender viagem – é necessária uma *wara*, um cercado. O discípulo tem de distanciar-se fundamental e estruturalmente da vida comum. Tem de despedir-se de atitudes e métodos que são evidentemente falsos. Tem de triturar a terra, entregar o eu da natureza e, com a *wara* que criou, construir um novo homem, um navio celeste com o qual possa entrar no templo divino. Assim concluímos nossa viagem pelo passado.

Seja qual for o sistema de despertar e de toque divino em que nos aprofundemos, a viagem à pátria do *Livro dos Mortos* egípcio é a mesma que a do Apocalipse: “E vi um novo céu e uma nova terra” (21:1). E agora compreendemos melhor o que é dito a respeito de Cristo: “Do Egito chamei meu Filho” (Oseias, 11:1 e Mateus, 2:15). Sem dúvida alguma, essa afirmação indica a inalterável mensagem de salvação que permanece sempre a mesma, a mesma missão, o mesmo caminho, a mesma verdade, a mesma obra. O que era velho passou, já se tornou novo! Então, em que sentido devemos entender isso atualmente? O velho sempre se manifesta de nova forma em concordância com a

época, a missão e as circunstâncias da onda de vida humana.

De novo ressoa uma *hora est* (“a hora é agora!”) que corresponde aos desenvolvimentos no interior deste cosmo. Por essa razão, muitos “aprendizes de construtor” estão se preparando para edificar sua *wara* e sua arca. O tempo dos significados velados e dos símbolos já passou! A Escola Espiritual atual aponta para os sete vezes sete aspectos de seu microcosmo, seus sete campos de vida. Esses sete campos de vida com seus núcleos de consciência – os sete rishis com seus estados de vida – podem ser regenerados. Para tanto, já nos foi dada a força e o toque. Falamos a respeito de um novo campo de vida e, relacionado a ele, de uma nova Escola de Consciência Superior com o auxílio da qual o homem sétuplo deve edificar sua *wara*. Para que o aluno possa orientar-se perfeitamente, encontra-se à sua disposição uma vasta filosofia, clara e detalhadamente definida. Para prosseguir em seu novo caminho, é necessário que aconteça uma separação evidente entre os que estão no exterior da *wara* e os que estão dentro desse cercado – ou seja, entre o exterior e o interior do campo de trabalho da Escola. Todas essas atividades têm consequências imensas! Algumas pessoas ficam estagnadas na vida comum e outras entram em seu navio celeste em vista de uma transformação completa. E essa transformação, para ser bem sucedida, deve levar em consideração as condições espirituais, cósmicas e atmosféricas de nossa época. É por essa razão que já não faz sentido estudar e seguir os métodos antigos, as escolas antigas: elas já esgotaram sua missão! Até mesmo as escolas de cinquenta anos atrás já não têm nenhum significado libertador. “O que era velho já passou; eis que tudo se fez novo”.

Por isso falamos sobre a Rosacruz Áurea atual, a nova filosofia e a nova Escola de

Consciência. Assim como o Filho foi chamado do Egito, essas atividades também o são. Em outras palavras: elas encontram sua essência original no *Livro dos Mortos* egípcio. Elas falam e testemunham de um novo tempo, da eternidade universal. Porém o axioma “ser chamado do Egito” tem ainda outro significado e convém chamar a atenção para ele. A palavra “Egito” também pode ser traduzida como “treva” e, portanto, esse conhecido fragmento da Escritura Sagrada também pode ser lido como: “das trevas chamei meu Filho”. A explicação dessa frase traz em si uma lição importante, pois, se outrora já se falava em trevas, isso também vale para nossa época. Será que já houve algum momento de tão completa desordem e degeneração internacional? Agora, nesse estado de trevas, todo “Filho de Deus” é chamado. Toda criatura humana traz o verdadeiro Filho de Deus em seu sistema microcômico. Ele está aprisionado em meio à condição humana e a inúmeras mentiras, acorrentado às trevas e à ignorância. É a esse ser nuclear acorrentado e aprisionado que Deus está chamando! O chamado divino não é apenas uma voz que comove nossa consciência e desperta nossa pré-memória, mas é igualmente uma força atual que atinge o mundo inteiro e toda a humanidade, ocasionando processos e desdobramentos radicais. Portanto, o chamado nos questiona e devemos ver se queremos reagir com inteligência e de modo consciente a essa força divina atual. Por esse motivo, não tem o menor sentido retornarmos ao passado se nos esquecermos das exigências do momento. Somente quando a expressão “do Egito chamei meu Filho” ganhar um sentido real e a obra de livre construção encontrar obreiros preparados e dispostos essa força se tornará ativa no ser humano. ✪

a cabala como processo de transformação

Quem lê o *Zohar* tenta deixar que o texto fale por si mesmo, que se desvele através das palavras, através dos conceitos formados durante sua própria vida. Dele testemunha Daniël van Egmond, que, durante um simpósio organizado pela Fundação Rosa-Cruz, apresentou uma visão tão profunda do pensamento místico judeu tal como ele se expressa na cabala.

úmeras são as obras que tratam da cabala, sobretudo da cabala judaica ou cristã, como o *Zohar*, o *Sepher Zohar*, *O livro do Esplendor*. Trata-se de um livro místico cujo autor seria o rabino Shimon Bar Yochai, que viveu no primeiro ano da era cristã e escapou, durante o reinado de Adriano, à perseguição dos romanos. Na gruta em que se refugiara com seu filho, ele teve todo tipo de visões. Depois de ter passado treze anos nessa gruta, ele redigiu o *Zohar* em aramaico, a língua da época.

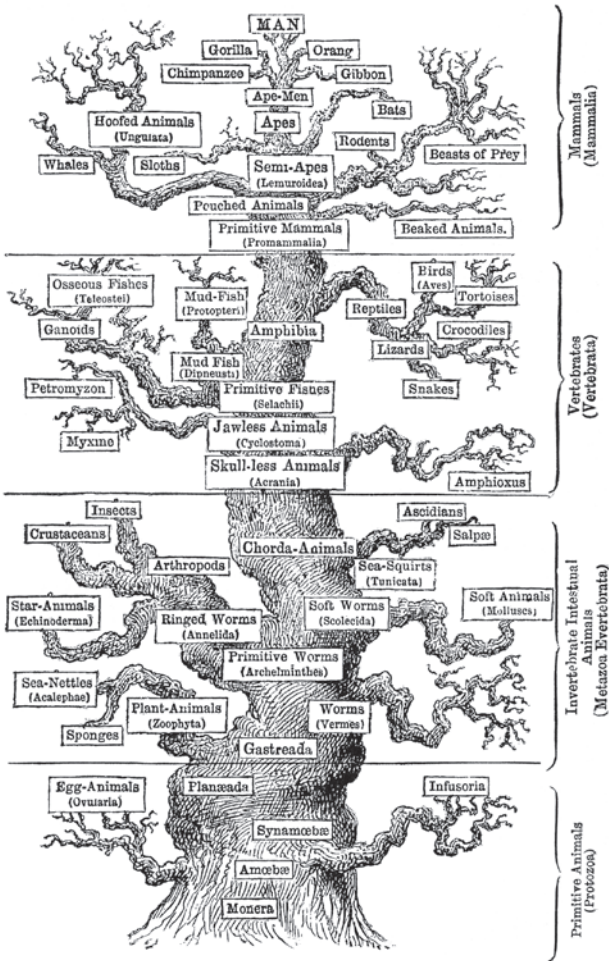
O CORAÇÃO DO ZOHAR Do ponto de vista acadêmico, esse livro apareceu provavelmente bem mais tarde, por volta do décimo terceiro século. Entretanto, ele relata numerosas histórias, mitos e símbolos que remontam certamente ao início de nossa era, senão a uma época anterior. Para dizer a verdade, o *Zohar* constitui um conjunto notável: não se trata verdadeiramente de um livro, porém de uma coleção de mais de vinte e cinco tratados. A parte principal, intitulada o *Midrash*, é uma exegese, um comentário místico da Bíblia, uma tentativa, digamos, de desvelar o significado profundo do Gênesis, do Êxodo e de alguns fragmentos de livros bíblicos mais tardios. Uma tradução inglesa do *Zohar* está em andamento; ela comportará doze volumes de aproximadamente quinhentas páginas cada um. No *Midrash* estão inseridos tratados de todo tipo, e o leitor precisa ter paciência antes de ser apresentado à parte essencial, o



DANIËL VAN EGMOND E O PENSAMENTO MÍSTICO JUDEU



PEDIGREE OF MAN.



A “árvore da vida” ou “árvore genealógica do homem”, segundo a filosofia da natureza de Ernst Haeckel (1874)

Zohar, que por sua vez também é dividido em três partes: *Livro do mistério oculto*, que compreende de doze a vinte páginas em aramaico; *Livro da grande assembleia* e *Livro da pequena assembleia*. Estes dois últimos são comentários do primeiro, e os três formam o coração do Zohar. Todos os outros estudos que compõem o Zohar, essas milhares de páginas a serem percorridas, constituem um tipo de preparação para a descoberta dos mistérios ocultos. Como é feita a leitura do Zohar? Ele não é lido como um livro qualquer, nem o lemos como a Bíblia quando

a abordamos com espírito místico. Tentamos deixar que o próprio texto fale e se desvele através das palavras e dos conceitos forjados ao longo de nossa própria vida, desde que estejamos, por assim dizer, “iluminados pelo Espírito Santo”. De fato, segundo os cabalistas, o Zohar é um texto tão sagrado quanto a Bíblia e o Talmude. No judaísmo cabalístico, ele ocupa o terceiro lugar entre os livros sagrados. Mas, para que seja para nós um texto sagrado, é preciso que nos abramos a ele, que o leiamos, não com o intelecto, mas fundamentados no coração e esclarecidos pelo Espírito Santo. É um texto que nos forma e nos transforma, porque é simbólico. Os símbolos ultrapassam o intelecto. Quanto mais nos abrimos aos símbolos, mais eles transformarão lenta e definitivamente nossa personalidade e despertarão o homem interior.

A ÁRVORE DA VIDA Voltemos às milhares de páginas de comentários do Midrash. O que está oculto em todas as histórias relatadas são expressões relativas à “árvore da vida”. Note-se que os primeiros leitores do Zohar ignoravam esse conceito. Durante a leitura dessas narrativas, eles tentavam visualizar, representar, graças aos múltiplos símbolos, as diferentes Sefirot: era desse modo que a árvore da vida começava a criar raízes neles. Assim, quando abordavam o chamado *Livro do mistério oculto* – que era difícil de compreender, e isso não somente a primeira

O Zohar é, ao lado da Bíblia e do Talmude, o terceiro texto sagrado sobre a sabedoria da cabala

vista – a árvore da vida já estava viva dentro deles.

O GRANDE ROSTO Para o cabalista, seja ele judeu ou cristão, a árvore da vida se parece um pouco com o esqueleto. Ela oferece uma estrutura, mas não está terminada. Falta-lhe algo. É justamente no *Livro do mistério oculto* que surge algo novo. De repente, a árvore da vida já não ocupa o lugar central, e parece florescer na forma de três pessoas, às vezes cinco. Talvez você saiba que a árvore da vida comporta subdivisões. Primeiro, existem as três Sefirot superiores: *Keter*, *Chokmah*, *Binah*, chamadas de “Grande Rosto”. Não devemos entender o termo “rostos” como o de um homem, mas como o de uma “pessoa” com a qual podemos nos relacionar de alguma forma. As seis Sefirot seguintes, de *Gevurah* a *Malkhut* e a sétima, que está oculta, formam o “Pequeno Rosto”. *Malkhut*, a última a partir do alto, é a Filha, ou seja, a comunidade ou *Eclésia*. Ela corresponde, na terminologia cabalística cristã, ao Espírito Santo, pois os cristãos que descobrem essa obra reconhecem nela o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Além do mais, foram os cristãos que imprimiram o *Zohar*; antes, essa obra existia apenas como manuscrito. Depois, o *Livro do mistério oculto* e dois comentários foram traduzidos para o latim. Certos judeus viram nisso a prova de que o *Zohar* era, na verdade, um tipo de texto “cripto-cristão” devido ao fato de reconhecermos apenas um

Deus: *Yaweh*, ou Jeová – mais precisamente *Yod-Hev-Vav-Heh*.

ELE TRANSBORDA DE AMOR O *Livro do mistério oculto* trata, portanto, do “Grande Rosto”, que é uma expressão do Mais-Alto, El Elion. Na cabala, ele tem o nome de *Ain Soph*, “o sem fim e sem limites” que, quando falamos de forma humana, é aquele que transborda de amor. No entanto, ele só pode dar esse amor se alguém o receber. Esse ser é o Filho, e somente é Filho aquele que se volta para o Mais-Alto.

Então, de repente, o Mais-Alto, que está além de todo conceito e mesmo além de toda forma pessoal, aparece, apesar de tudo, como uma pessoa, como Grande Rosto. Nasce, então, uma relação entre o Filho, que é o Pequeno Rosto, e o Grande Rosto. Mas não se trata de uma simples relação entre duas pessoas. Na verdade, a força e o amor que afluem do Mais-Alto, recolhidos pelo Filho, provocam nele uma reversão, do mesmo modo que, a seguir, o amor pode se derramar sobre o mundo. Chamamos a isso uma criação, pois o Grande Rosto do *Livro do mistério oculto* é semelhante a YHVH, ao Deus do judaísmo clássico. Ele é o criador, embora haja em verdade sete criadores, os *Eloim* – seis mais o sétimo, YHVH, que é simplesmente o núcleo oculto dos *Eloim*. Há, portanto, sete forças criadoras, sete Sefirot inferiores que se consagram à criação. Podemos encontrar esse fato expresso nos sete dias da criação. Seria

preciso dizer: os seis dias da criação, pois nada foi criado no sétimo dia, conforme lemos no Gênesis. O importante é compreender que essa criação é um ato que diz respeito a uma relação entre pessoas: percebe-se que, a seguir, tudo que se exprime na criação é portador da imagem do Filho, dessa pessoa. Isso quer dizer que tudo que existe na criação é, simbolicamente, de uma maneira ou de outra, uma pessoa. A criação de que se trata não é a do mundo terrestre, mas ela se refere a um

começo do *Dzenioutha*, o *Livro do mistério oculto*, as relações pessoais se tornam centrais, são relações de amor. Deus é amor e toda a criação exprime esse amor.

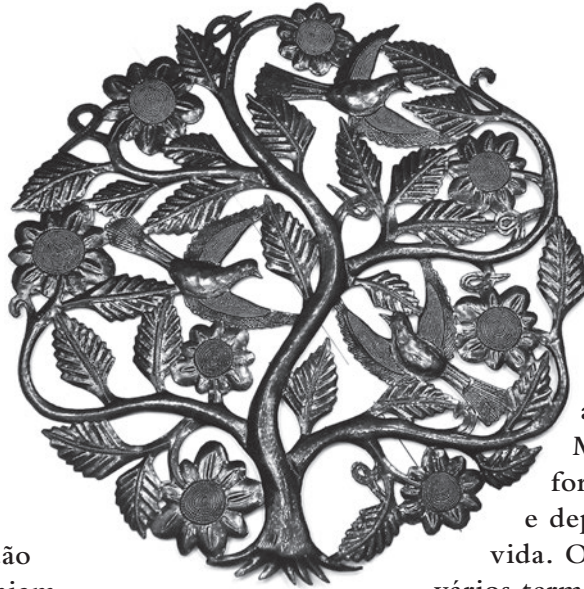
Ora, o amor implica em receber e dar. Esse mesmo livro nos conta que antes da criação do mundo, relatada no Gênesis, uma criação totalmente nova teve lugar. Ela era obra dos anjos bem como dos arcanjos que tiveram por missão receber o amor proveniente do Mais-Alto e restituí-lo por meio de hinos e

YHVH é o núcleo oculto dos *Eloim*, das sete forças criadoras. As sete Sefirot inferiores, que velam pela criação, encontram sua expressão nos sete dias da criação

mundo situado, poderíamos dizer, por detrás daquele que conhecemos e que chamamos de “paraíso”. Acolhido pelo Filho, o Mais-Alto, aquele que está além do todo, aparece-lhe como o Grande Rosto, como o Pai. Nós, seres humanos, não estamos em condição de chegar até Ele, a não ser mediante o Filho, segundo as palavras de Jesus. Isso permite compreender por que os cristãos dos séculos XVI e XVII ficaram tão fascinados por esse texto. “Ninguém vem ao Pai senão por mim.” Toda pessoa que quiser experimentar o Mais-Alto deve, de uma maneira ou de outra, unir-se ao Filho. Em suma, desde o

preces. Assim, um contínuo movimento de troca com o Mais-Alto foi mantido – uma dinâmica de receber e dar.

DISTANCIAMENTO E VOLTA, QUEDA E LIBERTAÇÃO O *Livro do mistério oculto* relata ter havido anjos que, em determinado momento, quiseram receber e não dar. Desde então, a situação se deteriorou. A aliança cósmica foi rompida. O anjo se transformou em Satã, e esse foi o início de todos os males. Significa que quis apropriar-se do amor: aceitava receber, mas recusava-se a transmitir. O Mais-Alto, contemplando o quadro



da primeira criação do mundo angélico, observou que ele se romperá, não por obra de apenas um, mas por uma multidão de anjos que já não acolhiam, que já não davam. Estes mergulharam nas trevas profundas. Ora, como transborda de amor, o Mais-Alto quis que, a todo custo, esses anjos fossem salvos. Então aconteceu a obra da criação tal como é descrita no primeiro capítulo do Gênesis: uma criação que tem por objetivo libertar o mal. Devo reconhecer que quando li isso pela primeira vez achei essa visão muito emocionante: a criação – ainda não se trata da nossa criação, falaremos dela mais adiante – que é descrita no Gênesis, no capítulo 1, tem lugar visando a libertação do mal.

Tudo o que existe participa dessa obra de libertação. O lugar ocupado no Céu pelo mais importante dos anjos decaídos, Satã, precisava ser retomado, e por isso Adão foi criado, conforme lemos no segundo capítulo do Gênesis. É dito que Adão – que significa “homem” ao mesmo tempo masculino e feminino, portanto andrógino – foi criado, formado por *Yod-Hev-Vav-Heh Eloim*. Isso significa que YHVH como Filho – assistido pelos seis outros *Eloim* – elabora Adão com base em algo que anteriormente havia sido frequentemente traduzido por “campo” ou “terra”. Ora, na língua hebraica, a palavra *Adamah*, com um *h* no final, refere-se

ao Adão feminino, à Mãe. Adão é, portanto, formado da Mãe *Adamah*, e depois YHVH sopra nele a vida. O texto hebreu comporta vários termos que correspondem a essa história do Grande Rosto (o Mais-Alto), do Pequeno Rosto e da Filha. O que transmite essa história do sopro?

NÃO RETER O SOPRO O Santo, bendito seja seu nome, sopra em Adão seu próprio alento de vida! Evidentemente, não se trata de um sopro físico, mas da força vital. Esse sopro que é do Santo se chama *neschamah*, frequentemente traduzido por “alma”. Essa alma é considerada tríplice: *Keter*, *Chokmah*, *Binah*, ou seja, precisamente os três Sefirot superiores. Emitidos pela boca do Mais-Alto (falando simbolicamente), o sopro penetra todos os níveis da realidade. Ele se torna como um vento, *rouach*, frequentemente traduzido por “espírito”, mas às vezes também por “alma”. Ele entra pelo nariz de Adão, recém-formado por *Adamah*, a terra vermelha, sua Mãe, e lhe permite inspirar. Adão *in-spira*, ao passo que o Santo *ex-spira*. Repleto desse sopro, Adão passa por uma fase de repouso chamada *nephesh*, a terceira alma. Nesse intervalo, com pouco fôlego, o Santo necessita inspirar. Ao contrário, a *nephesh*, apaziguada em Adão, começa a sair de seu repouso e se torna *rouach*; então, atravessa tudo e chega ao Santo como *neschamah*. Relembremos que

nunca se trata de respiração física, sendo que esta manifesta o lado exterior desse processo interior. Com efeito, ainda não estamos no plano deste mundo físico. Nessa história, é importante ver que, mediante essa respiração, Adão é religado, sem descontinuidade, de instante a instante, ao Santo, bendito seja seu nome! É preciso compreender bem que essa história é mítica, e os mitos tratam do que se passa aqui e agora, e não dizem respeito absolutamente nem ao espaço nem ao tempo nem ao passado. Esse processo de respiração acontece no presente. De segundo a segundo, cada um de nós recebe o sopro e cada um de nós é formado, é criado como “alma vivente”.

Então, o mito nos permite ver que se trata de nos abirmos ao sopro para recebê-lo e oferecê-lo da mesma forma, sem o reter. Adão adquire vida e em seguida é colocado no paraíso. Na terminologia dos quatro mundos, o paraíso corresponde ao mundo de *Yetzirah*, o mundo dos símbolos, o mundo dos mitos. Esse mundo não tem relação com o inconsciente coletivo de Jung, pois o mundo de *Yetzirah* é muito mais real, sendo ele muito mais poderoso que o nosso mundo de experiências sensoriais.

Na terra, nossos sentidos somente percebem as sombras daquilo que pertence ao paraíso, o mundo de *Yetzirah*.

ADÃO, O INTERMEDIÁRIO Colocado no paraíso, Adão recebe uma missão. Ele deve

dar nome aos animais, quer dizer, aos seres vivos. Como Adão executa essa tarefa? Não imaginando nomes, mas orientando-se pelo Santo e penetrando, mediante contemplação, no poder do pensamento de Deus, onde lhe aparecem os tipos primordiais de tudo o que vive no paraíso. É então que ele recebe o nome exato que, em seguida, pode “dar”. Isso significa que ele tem a capacidade de transmitir a cada criatura sua essência. Adão cria assim a ponte entre o céu e o paraíso. Ele não tem somente um corpo paradisíaco, mas já traz em si o germe de um corpo terrestre. Ora, é na parte terrestre da criação que todos os anjos da queda são, por assim dizer, aprisionados! A principal razão da criação de Adão é servir de intermediário entre os Céus e os Infernos. Por isso, ele deve tanto ser ligado aos Céus, devido a seu corpo de luz, quanto aos Infernos, devido a seu núcleo terrestre. Se frequentemente dizemos que Adão precisa fazer a ligação entre o Céu e a Terra, estritamente falando seria mais exato dizer: entre o Céu e o Inferno. Essa ligação somente é possível se Adão estiver continuamente aberto ao Santo, consciente de receber dele seu sopro, de alçar-se pela contemplação a seu poder de pensamento com a finalidade de transmiti-lo como essência, como “nome”, a tudo o que vive. Por esse processo, os anjos corrompidos pela queda podem novamente ser religados a seus tipos primordiais celestes e, assim, ser libertos do Inferno.

A sequência da história é bem conhecida: Adão vai cometer o mesmo erro que os anjos decaídos. Em dado momento, ele descobre o mundo onde todos os símbolos celestes encontram uma expressão concreta tão atraente que, de certa maneira, ele gostaria – não de se apossar deles – mas de atribuí-los a si mesmo.

Essa é a simbologia da cena da maçã. Adão se desvia, então, do Santo e se volta totalmente para o novo mundo. O que quer dizer que ele tudo recebe do Santo, mas se recusa a assegurar a transmissão. Ele quer guardar tudo para si e se tornar, assim, autônomo. Essa é precisamente a razão de Adão ser banido do paraíso. Poderíamos dizer que, dessa forma, ele mesmo deixa o paraíso. Nessa ocasião, outro fato intervém no paraíso: a separação entre masculino e feminino. Mas esse é outro assunto.

NOSSO VERDADEIRO NOME As três almas, *Neschamah*, *Rouach* e *Nephesh*, correspondem às “pessoas” descritas no *Livro do mistério oculto*. *Neschamah* é o Grande Rosto, o Pai; *Rouach* é o Pequeno Rosto, o Filho; e *Nephesh*, a Filha, o Espírito Santo. Uma vez que, como Adão, nós deixamos o paraíso e estamos neste mundo, há apenas a alma *Nephesh* para nos fazer viver. No entanto, recebemos ainda algo do sopro do Santo, sem o que não poderíamos nos manter nesta vida. Por outro lado, já não estamos abertos ao Mais-Alto nem ao Filho, e, na base

de nossa personalidade, da multiplicidade de nosso “eu”, tentamos nos apropriar de todo tipo de coisas, criar certezas etc. Conhecemos isso. Pois bem, de tanto ler o *Zohar*, de estudá-lo, não com o intelecto, mas abrindo nosso coração a seus símbolos, uma pré-memória começa a despertar em nós. Há uma diferença entre crer que Deus existe – o que pode ser um ato mental, vindo da educação – e provar de repente que somos chamados a nos tornar Adão, a sair deste estado de fascinação pelo mundo dos sentidos, a provar o sopro e a reviver, como Adão, como ponte entre o Céu e a Terra, ou, ainda mais forte, entre o Céu e o Inferno, a fim de que o mal seja libertado! Não podemos realizar essa tarefa por nossos próprios meios, os meios de nossa personalidade – isso é impossível – mas podemos fazer isso se recebermos de novo, plenamente, o sopro do Santo. Esse é o chamado, a vocação que nos revela que somos chamados por nosso nome verdadeiro. Assim como Adão chamava os animais por seus nomes, o Santo, bendito seja ele, nos chama por nosso verdadeiro nome. Não por nosso nome de batismo, o nome que nossos pais nos deram, mas sim um “nome inscrito numa pedra branca” – conforme menciona o Apocalipse de João – que se torna, então, nosso nome verdadeiro. “Eu te chamei pelo teu nome”, também é dito em Isaías.

Esse chamado, o fato de dar um nome, está acontecendo toda hora! Cada um de nós é

chamado a todo momento. Inúmeros são os chamados, mas bem poucos os escolhidos, os que respondem ao chamado.

TORNAR-SE UMA PESSOA Como recuperar a relação com o Filho? Podemos fazer isso lendo os textos de *Zohar* em receptividade contemplativa; podemos conseguir isso orando – mas somente se dermos ao “sopro” o significado dos três níveis da alma. Ao receber o sopro, mediante a oração, entramos em relação com o Filho, com YHVH – na cabala cristã, com Y-H-S-H-V-H, *Ieshouah* ou Jesus. Acolhendo o sopro em nossas meditações, impregnando-nos dos símbolos, orando, entramos em relação mais estreita com o Santo, e somente então nos tornamos uma “pessoa” mais que uma personalidade. No *Livro do mistério oculto*, o Grande e o Pequeno Rosto são também “pessoas”. Uma pessoa é um ser único que não pode ser comparado a nenhum outro. Como há muito tempo não podemos estar numa relação eu-e-você com o Filho, o Pequeno Rosto, permanecemos uma personalidade terrestre, ou seja, uma simples “construção” determinada pela sociedade e pela cultura.

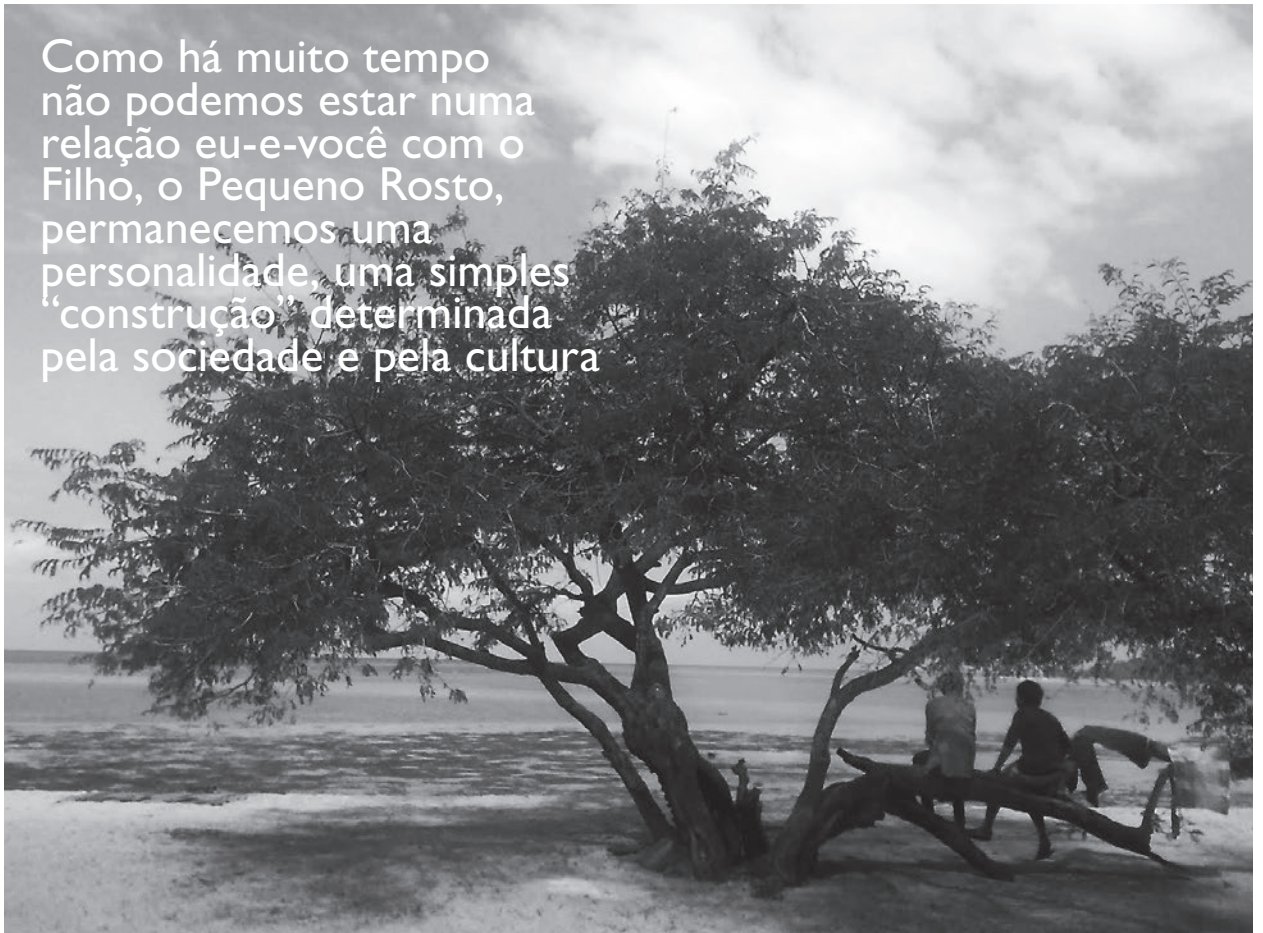
Todos nós temos uma personalidade fundamentada em influências genéticas, culturais e educacionais. É uma estrutura psicológica artificial. “Ser uma pessoa” é totalmente diferente. Para isso, é necessário estar em relação com o Santo.

Para um cabalista, seja ele cristão ou judeu,

trata-se de se *des-identificar*. O ser humano que se perde sem cessar no mundo sensorial e psicológico, que se identifica com uma multiplicidade de coisas por meio de seus pensamentos, seus sentimentos, seus impulsos e sua vontade, precisa aprender não tanto a repudiá-los, mas a não assimilá-los de agora em diante. Desse modo, é criado um espaço onde todos os pensamentos podem ir e vir – e já não importa se eu os deseje ou não – o que vale é que eu já não me identifico com eles.

Desde o século XVII nos inculcaram a ideia de que somos a fonte de nossos pensamentos, de nossos sentimentos e de nossa vontade. Ora, se fosse assim, deveríamos poder parar de pensar. Imagine! Uma mente silenciosa sem qualquer fluir de pensamento... Logo você vai perceber que isso não funciona. Conclusão: não somos a fonte de nossos pensamentos. Esse processo ocorre através de nós. Ele acontece por meio de inúmeras forças, por certos fatores ao nosso redor, por outros indivíduos, pelos mortos ou talvez por todos os anjos que caíram. Em todo lugar, sem descontinuidade, esses pensamentos e sentimentos surgem em nós. Além de tudo, isso é necessário, pois todos eles precisam ser liberados. No entanto, eles não o serão enquanto nos identificarmos com eles. E se cedemos a esses pensamentos, a esses sentimentos e a esses impulsos, tornamo-nos uma parte do problema. A tarefa de um cabalista (em realidade, isso é válido

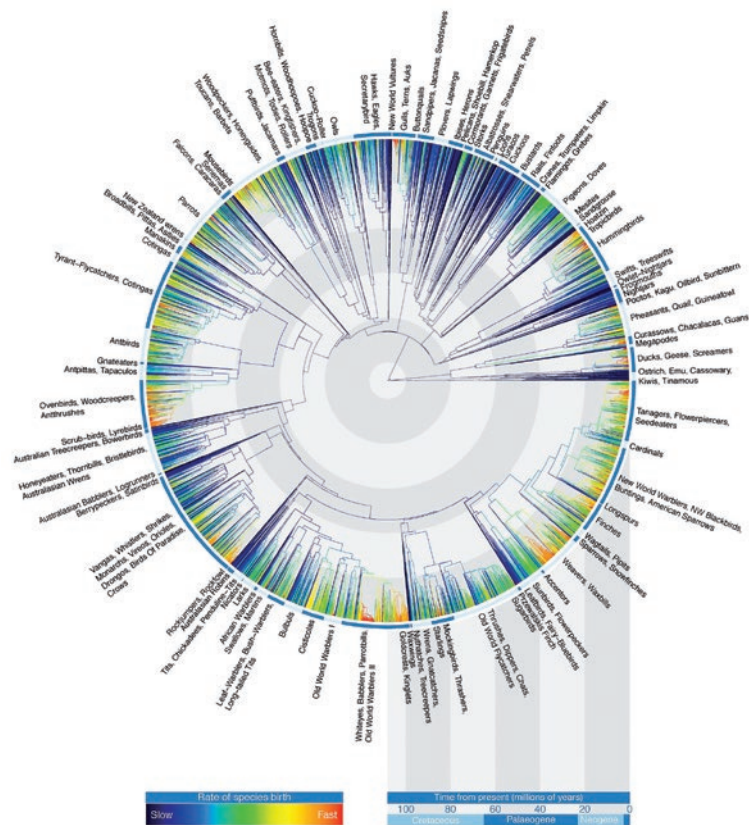
Como há muito tempo não podemos estar numa relação eu-e-você com o Filho, o Pequeno Rosto, permanecemos uma personalidade, uma simples “construção” determinada pela sociedade e pela cultura



para todos os que seguem um caminho religioso ou místico) é aprender a criar em si mesmo um espaço acolhedor para o Filho, aberto e receptivo para o Santo – um espaço que possa receber o sopro e onde impulsos, sentimentos e pensamentos também sejam admitidos a fim de serem transformados. Nem por isso nos tornamos de fato melhores. Não, isso nos desgasta. Por outro lado, outros se tornam melhores. Como Adão, essa é nossa tarefa. É desnecessário dizer que, trabalhando dessa forma, nós mesmos somos progressivamente transformados de personalidade em “pessoa”. É importante que tomemos essa tarefa para nós, pois a criação foi concebida com esse fim, assim como Adão. Em poucas palavras: o homem foi criado tendo em vista a libertação do mal.

OS TZADIKIM Para o cabalista, não se trata de uma via que o libertaria do mundo. O objetivo não é se retirar do mundo, pois este necessita justamente de pontes para que o Céu e a Terra (ou o Inferno) se reencontrem. Em praticamente todas as culturas e religiões é mencionado ser necessário um número mínimo de *tzadikim*, de justos, de eixos do mundo que façam a ponte entre os Céus e os Infernos da Terra. Sem esses justos, a criação estaria perdida. As passarelas são indispensáveis. Cada ser humano é chamado por seu próprio nome para se tornar tal passarela. Como cumprir essa vocação? A resposta é mergulhar nos mitos; ou no interior da tradição cabalista: ler o *Zohar*. Acolhendo os símbolos em nosso ser, a árvore da vida é erigida em nós. Quando chegamos ao *Livro*

Uma “árvore da vida” moderna: representação gráfica do desenvolvimento das espécies de pássaros com base em um ponto central



do *mistério oculto*, descobrimos que existe de fato um Grande Rosto e um Pequeno Rosto, que é possível comunicarmos-nos com eles, fazer parte de uma *Eclésia*, de uma comunidade – a Filha –, e tomar parte no movimento entre os três: o Grande Rosto, o Pequeno Rosto e a Filha. Em resumo: ter sido chamado por seu nome é ter recebido uma missão. A essa missão podemos responder com a oração regular, a meditação ou a contemplação. Podemos também aumentar nosso “espaço interior”, não somente durante as horas de meditação, mas em nossa vida cotidiana. Dessa maneira, discretamente, tornamo-nos uma passarela entre o Céu e a Terra. No entanto, certas armadilhas surgem. Imagine só: em certo momento você percebe que pode ser uma passarela. Logo há o risco de o eu interferir, pensando: “Como sou importante! Como trabalho bem!” A partir desse momento você está correndo o mesmo risco que Adão: ao voltar-se para si mesmo, sofre mais uma queda! Grandes são as tentações de tudo tomar para si, de se apropriar

do que recebemos e que deve ser passado. Foi isso o que fez o grande arcanjo Lúcifer, foi isso o que fez Adão. Todos nós temos essa inclinação, essa tendência. Por essa razão o caminho da cabala exige que nos aprofundemos nos símbolos. E devemos fazer isso não de maneira teórica, aprendendo seus significados, pois é assim que o fragmentamos! Precisamos despertar para a realidade simbólica e estar, ao mesmo tempo, continuamente abertos ao Santo, sabendo plenamente que nada podemos pensar por nós mesmos, nem sentir, nem querer o que quer que seja que valha a pena. Somos um aparelho receptor da mais alta importância! Afinal, é de dentro de nós que o mal pode ser liberado.

A TAREFA DE DAR NOMES Alguns de vocês devem ter ouvido mais de uma vez que cabala significa “receber”, não no sentido de receber ensinamentos, pois *strictu sensu*, na cabala não há doutrinas nem teorias, as quais são produtos conceituais.

Algo totalmente diferente é receber o sopro e acolher os símbolos que operam a transformação. Trata-se de receber um nome e ao mesmo tempo devolver o que recebemos. O cabalista restitui tudo, tanto ao Santo quanto a seu próximo, e sobretudo à natureza, porque, como diz Paulo, a natureza sofre as dores do parto e também quer ser liberta.

Essa natureza, bela como é, o tempo e os homens a trazem acorrentada. Tudo que está presente na natureza tem seu protótipo no mundo dos símbolos, o mundo de *Yetzirah*. Ao longo de um passeio, você se aproxima de uma árvore ou vê uma vaca, e, então, como você é um “espaço”, um Adão, você religa essa vaca ou essa árvore ao tipo primordial dela. Você faz exatamente o que Adão fez no paraíso. Você dá à vaca um nome, e assim, ela pode, por um instante, ser mesmo o que ela é em realidade. Essa é a tarefa de Adão: fazer o papel de ponte entre o Céu e a Terra. É nisso que consiste a tarefa de dar nomes.

É dito que a cabala é típica da tradição judaica, mas no início deste artigo tratamos também da cabala cristã. Se, num ambiente acadêmico, devêssemos fazer um estudo comparativo, encontraríamos ao mesmo tempo grandes similaridades e grandes diferenças. Com efeito, as tradições judaicas e cristãs têm cada uma sua própria simbologia. Com maior frequência, reconhecemos nelas o mesmo tipo de caminho.

Repetimos: numerosas são as tentações nesse caminho, especialmente a de tudo atribuir a si mesmo e a de querer deixar este mundo o mais rápido possível, pois ele é apenas um vale de lágrimas.

Nesses dois casos, não fazemos nosso papel de passarela entre Céu e Terra. A tendência de querer deixar este mundo para trás e se elevar de qualquer maneira para nunca mais voltar é tão errônea quanto a inclinação a se identificar com a Terra. A primeira pode parecer mais espiritual, no entanto ela é tão egocêntrica quanto a atitude materialista, pois a missão de Adão é ser uma ponte entre o Céu e a Terra. Adão foi aprisionado à Terra e ao Céu, de modo que os dois pudessem ser religados e o mal pudesse ser liberto. ✪

Daniël van Egmond realiza, há 15 anos, conferências e cursos de meditação na Fundação Arcana. Além de numerosos artigos, ele escreveu quatro livros: *Body, subject and self* (O corpo, o sujeito e o ser – 1993), *De dood serieus nemen* (Levar a morte a sério – 1996), *De mens en zijn engel* (O homem e seu anjo – 2012) e *De wereld van de ziel* (O mundo da alma – 2014)

espinoza e a sabedoria judaica

Uma exploração da mística judaica universal e de suas raízes de sabedoria que continuam até os dias atuais. Elas formam a base não expressa daquilo que Espinoza chamava de “caminho íngreme”, isto é, a conduta daquele que vive segundo a razão.

“Do modo como se conduz um homem racional.”

Da antiga sabedoria procedem três ensinamentos ou sistemas que, outrora, foram autênticos caminhos para os alunos ou adeptos que se aplicavam em estudá-los. Eram eles: a **astrosofia**: o estudo dos doze signos do zodíaco e dos dez planetas que mais tarde dariam origem à astrologia; o **tarô**, o mais antigo dos sistemas, cujo uso bastante puro ressoa através da *Rota dos rosa-cruzes* com seus vinte e dois *meta-arcanos*; o ensinamento da **árvore da vida** com suas dez Sefirotas, ou luzes, e seus vinte e dois caminhos.

A cabala é, em sua forma, uma representação da mística judaica e de seu pensamento libertador. Ela é claramente anterior ao século XIII, época de seu surgimento público, quando se propagou o ensinamento da árvore da vida. Do século XV ao século XVIII, esse ensinamento influenciou grandemente o pensamento religioso judaico.

Fazer uma ligação entre Espinoza e a mística, sobretudo a mística judaica, poderia suscitar uma controvérsia. Com efeito, a direção da sinagoga *Ets Haim* de Amsterdam excomungou Espinoza, condenando-o à damnation eterna, em termos de rara violência.

No entanto, a sabedoria judaica tradicional também fala sobre a conduta do homem racional e mostra como a razão pode guiá-lo. Descobre-se a prática dessa sabedoria graças aos significados dados às ligações e passagens entre as dez Sefirotas, sendo que cada

uma delas tem nome e sentido próprios. Existe um movimento que vai de *Ain Soph* à *Halakha* e *Tikkun*. *Ain Soph* relaciona-se com o conceito espinoziano de *Substância*, como veremos. *Halakha* é uma noção religiosa judaica muito antiga que significa “o justo caminho da vida” (comparável ao *Tao* chinês). *Tikkun* pode ser traduzido como empenho pela busca da harmonia com *Ain Soph*. Numa outra interpretação do cabalista do século XV Isaac de Luria, *Tikkun* significa “restauração”, o que é compreensível quando, segundo o escritor Gary Lachman, nos vemos como restauradores ou reparadores do cosmo, tendo de corrigir os erros cometidos por Deus quando da criação do universo.

A *Ética* de Espinoza é uma obra difícil devido a suas argumentações de ordem “geométrica”.

No século XVII, essa abordagem tornou-se um critério: antes de encontrarmos o caminho certo, avaliar equivalia a saber. O ponto de partida utilizado por Espinoza corresponde exatamente àquilo que Eliphaz Lévi explica nos *Princípios da cabala em dez lições*: “A paz perfeita pode ser alcançada pela calma do poder do pensamento e pela quietude do coração. No fundo, o crente judeu aspira ao *shalom*, isto é, à paz que restaura a terra”. Eliphaz Lévi explica ainda que o saber tradicional dos antigos hebreus podia igualmente ser chamado de “aritmética do

Natus Amstelred.
MDC. XXXVII.
24. Febr. 1667.

Demetrius Nijp. Com.
MDC. LXXVII.
21. Febr. 1677.



BENEDICTUS DE SPINOZA .

Cui natura, Deus, rerum cui cognitus ordo,
Hoc Spinoza statu conspiciendus erat.
Expressere viri faciem, sed pingere mentem
Zeuxidis artifices non valere manus.
Illa viget scriptis: illic sublimia tractat:
Hunc quicumque cupis noscere, scripta lege.



cérebro humano”. Seria “a álgebra da fé” que resolveria todos os problemas psíquicos, como se tratasse de equações nas quais ter-se-ia eliminado as incógnitas e, por isso, as ideias e os pensamentos adquiririam a pura limpidez e a estrita exatidão dos números. No que concerne ao poder do pensamento, os resultados seriam infalíveis (mesmo se, na esfera do saber humano, eles permanecessem relativos); quanto ao coração, ele conheceria a tranquilidade perfeita. Em suma, trata-se exatamente daquilo que Espinoza quer obter com o auxílio de seu método filosófico inspirado pela geometria, e seguido na *Ética*. A razão está a serviço da paz do coração, e as emoções transformadas suscitam a ação segundo o grau de entendimento racional atingido. O ponto de partida, a base, é *Ain Soph*.

As Sefirot são também representadas como dez envoltórios ou casulos ao redor do núcleo que é *Ain Soph*, o centro impenetrável e sem forma de tudo que existe. Pode acontecer que esse centro seja colocado acima das Sefirot, mas é justificado designá-lo o que há de mais central, circundado pelos dez envoltórios.

O *Cântico dos Cânticos* de Salomão (6:11) faz referência a *Ain Soph* nos seguintes termos:

*Desci ao jardim das noqueiras,
para ver se brotavam as vides,
se floresciam as romeiras.*

Descer ao jardim das noqueiras é uma expressão utilizada pelos cabalistas durante suas meditações sobre “o nada em tudo isso”. Notemos que Shakespeare faz Hamlet dizer: “O God! I could be bounded in a nutshell, and count myself a king of infinite space...” (Meu Deus! Eu poderia viver recluso numa casca de noz e me considerar rei do espaço infinito). *Ain Soph* pode ser definido como o que não tem começo nem fim, a derradeira e última realidade, o nada absoluto, aquele que evita dar um nome a Deus ou descrevê-lo de maneira realista. É o Deus sem nome, que se manifesta a Moisés.

Observemos que a noção de *Ain Soph* é bastante parecida com as ideias de Mestre Eckhart, e portanto diferente da mística judaica. Por volta do ano 1300, um cabalista que se manteve anônimo afirmou o seguinte: “Sabei que *Ain Soph* – o Único Cognoscível – não é mencionado nem pelos profetas, nem nas hagiografias, nem nas palavras dos sábios do Talmude. Apenas os mestres a serviço de Deus (que são os místicos) recebem informações secretas a seu respeito”.

Um sábio holandês escreveu o seguinte: “Nas Sefirot, as coisas ‘criaturais’ são ordenadas de tal maneira que, na intuição dos místicos, podem ser compreendidas como categorias do pensamento”. Segundo alguns autores, os conceitos sefiróticos *Yesod* e *Shekinah* são colocados em relação com



Árvore de conhecimento, correspondendo às sete Sefirot, os aspectos inferiores da árvore da vida. Valentin Weigel (1698), inspirado em Jacob Boehme

Esses três modos de conhecimento referem-se claramente ao pensamento segundo linhas cabalísticas. Vemos neles qual é a relação entre o conhecimento e as Sefirot. Segundo o *Zohar*, o conhecimento representado pela árvore da vida leva em si a dualidade. Isso, porém, não concerne às três Sefirot superiores: *Keter* (coroa), *Binah* (compreensão, inteligência) e *Chokhmah* (sabedoria).

Em minha opinião, a não dualidade em Espinoza está relacionada à árvore da vida, portanto às três Sefirot superiores, e sobretudo a *Ain Soph*. O jovem Baruch seguiu, dos cinco aos quinze anos, o ensinamento da escola *Ets Haim*. Baruch era descendente de judeus expulsos de Portugal que se exilaram em Amsterdam no início do século XVII. Na Península Ibérica, esses judeus haviam haurido do abundante tesouro de filosofia e de sabedoria que enriquecera durante séculos a elevada cultura árabe.

Espinoza foi mais que convenientemente formado em ciência e sabedoria judaicas. Podemos supor que após abandonar o estabelecimento, em 1647, ele teria mantido relações pessoais com seus ex-professores em forma de conversas ou mesmo aulas particulares.

Ets Haim significa “árvore da vida”. *Ain Soph*, como centro de tudo o que existe em si, manifesta-se, segundo Espinoza,

os dois atributos da *Substância* acessíveis ao homem: o pensamento e a extensão, ideias estas desenvolvidas por Espinoza.

Foi talvez Espinoza quem fez a ligação entre *Yesod* e *Malkhut*, ou *Shekinah*, entre o pensamento e a extensão. Ele o fez como racionalista místico, como místico animado pela razão, consciente do *Ain Soph*, consciente da *Substância* divina.

Espinoza distingue três graus do conhecimento:

- o conhecimento nascido daquilo que é sentido e experimentado;
- o conhecimento e a compreensão resultantes da observação, assimilados pela reflexão;
- o conhecimento decorrente da intuição, ou seja, do amor dirigido a Deus, ligado à razão (*amor dei intellectualis*).



Vitral colorido em uma estação de metrô em Almaty, anteriormente Alma-Ata, no Cazaquistão

mediante formas e atributos, dos quais dois são acessíveis ao homem, segundo nossa filosofia. Ele os denomina “pensamento” e “extensão”, conceitos abstratos próximos das Sefirotas *Yesod* e *Shekinah*.

Podemos ver essas formas de manifestação como eflúvios, emanações da unidade partindo do centro de todas as coisas, do original ou do infinito, tal como sugere Shakespeare pela boca de Hamlet.

Vemos que uma mão segura o que liga *Yesod* e *Malkhut* ou *Shekinah*, o que liga o pensamento e a extensão, e que embora as três Sefirotas superiores sejam diferentes, eles guardam uma relação vertical com *Yesod* e *Malkhut*.

Isso expressa a relação com a terceira e mais elevada forma de sabedoria em Espinoza: a intuição do divino, cuja base é *Malkhut* ou *Shekinah*.

Interessante em Espinoza é que ele não exclui uma “coabitação com Deus” (viver no interior do ser). Muito ao contrário. Diferentemente de Willem Blijenbergh, ele sugere de forma clara essa coabitação e ligava-a de modo direto à lei do amor.

Como filósofo, Espinoza desejava receber a sabedoria inalterável, e descreveu como buscou recebê-la em sua alma. “Livre é aquele que compreende”, dizia Espinoza. Essa é uma de suas mais lapidárias frases.



Livre é aquele que compreende

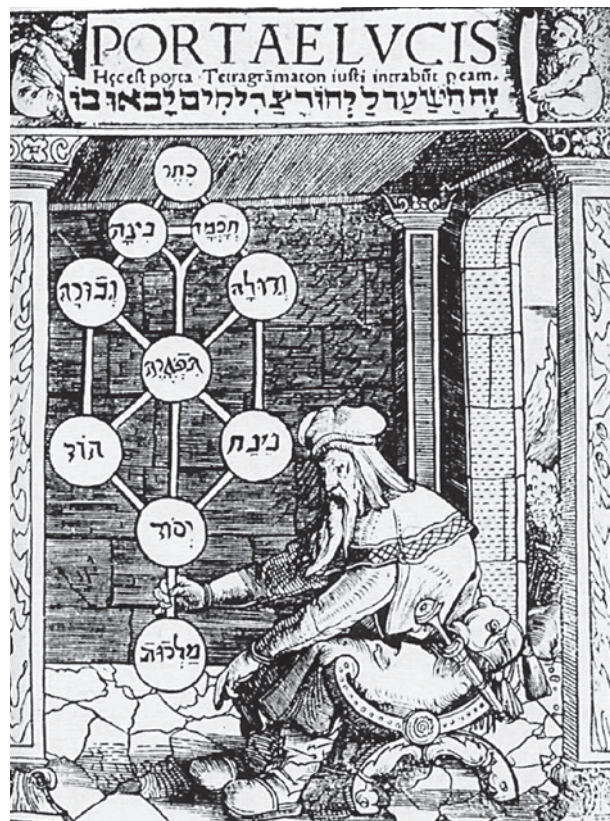
elementos da cabala sempre atuais e relativos à natureza divina. Vejamos, por exemplo, *Ain Soph*, o Deus oculto, que não tem começo nem fim, a saber, a última e derradeira realidade.

Já salientamos que há um paralelo a ser feito entre *Ain Soph* e as concepções de Mestre Eckhart, muito particularmente no que diz respeito ao aspecto oculto de Deus. É pouco conhecido o fato de que um filósofo moderno como Espinoza designa esse mistério divino *Substância*, na qual estão contidas todas as propriedades de *Ain Soph*. Essa *Substância*, esse Deus oculto, não possui nenhuma relação senão consigo mesma. Não obstante, do mistério originam-se as Sefirotas ou, como diz Espinoza, os atributos, as características das diferentes formas de manifestação. Em todas as Sefirotas, portanto mediante todos os atributos, o Deus oculto expressa completamente o seu ser. Ademais, a palavra “cifra” deriva do singular de Sefirotas: Sefira, expressão da mais profunda sabedoria divina, que não possui qualquer outro objetivo fora de si mesma. O Deus oculto surge ao saber mais profundo, à intuição do cabalista, em dez aspectos.

YESOD E SHEKINAH De acordo com a cabala, existem duas Sefirotas que são

O HASSIDISMO O ensinamento hassídico baseia-se igualmente na cabala mística com numerosos testemunhos que mostram a importância do papel representado pelo justo sentir; a autenticidade do hassidismo reside na prioridade dada ao coração. Alguns desejam ir tão longe nessa orientação exclusiva sobre o coração que consideram sua abertura como o mais importante de tudo, chegando até a recusar toda ideia de competição. Observamos isso no taoísmo mas também, no século XX, na filosofia de Martin Heidegger.

Pelo fato de o hassidismo ser considerado um sistema filosófico, é importante examinar o que fez a filosofia ocidental com os



imediatamente conhecidas pelo homem em sua condição de exílio. São eles *Yesod*, o fundamento de todas as formas ativas, e *Shekinah*, o deus interior. Na cabala, essas duas Sefirot são designadas *árvore do conhecimento* e *árvore da vida*.

O PENSAMENTO E A EXTENSÃO *Ain Soph*, de onde emanam *Yesod* e *Shekinah*, é, portanto, o que Espinoza traduziu como *Substância*, que se manifesta sob os atributos do pensamento e da extensão (*Res cogitans et res extensa*). Dessa maneira, ele traduziu o ensinamento místico da cabala em novos conceitos filosóficos, exprimindo-se na *ratio*, na razão do século XVII. A *ratio* diz respeito ao eu isolado, solitário. Em seu ensinamento da cabala, Espinoza explica esse eu isolado, encerrado em *res cogitans*, isto é, em nosso pensamento. Ele tenta romper esse isolamento mediante a negação de que *cogitatio* (o pensamento) e *extensio* sejam *substâncias*, pois, afinal de contas, eles são as Sefirot, as luzes radiantes do Deus oculto.

O CONHECIMENTO DO CORAÇÃO Espinoza desejava transformar a meta da cultura ocidental, caracterizada por suas pesquisas de ordem tecnológica e seu desejo de poder, em uma mística voltada à fonte do Deus oculto. Seu grande mérito é ter consagrado todos os seus esforços na tentativa de subtrair a sociedade de sua época das garras do desejo de posse.

Na capa de *Porta e Lucis* (Riccius, 1516), uma mão sustenta o que liga *Yesod* e *Shekinah* ou *Malkhut*. Espinoza fala sobre o pensamento e a extensão. As três Sefirot superiores distinguem-se entre si, mas possuem uma ligação vertical com *Yesod* e *Shekinah*, o que expressa a relação com a terceira e mais elevada forma de conhecimento em Espinoza, a intuição divina, cuja base é *Malkhut* ou *Shekinah*

O que seria, então, essa razão original de Espinoza? Há apenas uma resposta possível: a razão de Espinoza é um assunto do coração. Para ele é o “conhecimento do coração” que se manifesta na intuição, que é a mais elevada forma de conhecimento. Essa intuição é, em realidade, o amor a Deus, pois reconhece Deus como a origem de todas as coisas. A compreensão daí decorrente corresponde ao seguinte testemunho hassídico: “O hassidismo se encontra em teu coração”. O hassidim busca antes de tudo a alegria, e mesmo o êxtase que conduz ao céu, estados esses produzidos em função de cada boa ação realizada na terra.

A noção de *ratio* ou razão de Espinoza relaciona-se exclusivamente ao coração. É o *conhecimento do coração*, que se manifesta na inteligência superior, a *intuição*

REALISMO E CHOKHMAH Espinoza se mostra realista quando afirma: “Deus não tem qualquer objetivo, pois se o tivesse, faltaria-lhe alguma coisa. O homem estabelece objetivos e tenta realizá-los; ele projeta esses objetivos em Deus”. Mas quando Espinoza fala sobre a razão, essa ideia não provém do eu isolado, mas de seu coração, onde estão conservadas as lembranças de suas relações concretas com os antigos, pois suas concepções indicam uma relação evidente com a literatura bíblica.

Chokmah, a sabedoria, é um atributo divino. No livro dos Provérbios (8:22-23) da Bíblia, a sabedoria se expressa da seguinte maneira: “O Senhor me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra”. Essa sabedoria divina original é comunicada ao coração humano. O Salmo 90:12 diz: “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio.”

OCULTO, NÃO OBSTANTE PRESENTE Vimos, portanto, que o Deus oculto não está ausente, apesar das aparências, e que por conseguinte uma relação secreta é possível quando se toma consciência de *Ain Soph* e se vivencia uma elevação até ele. Trata-se de uma relação de profunda confiança. Essa relação pode ser tão intensa que traz em si a certeza absoluta do retorno da relação

visível com Deus, traduzida pela expressão “caminhar com Deus”, mesmo que isso possa parecer impossível em nossa sociedade, que não tem o mínimo conhecimento da Essência que move o mundo.

Segundo os que entraram em contato com as fontes de sabedoria no Oriente, o nome de “Deus” não pode ser pronunciado, no Ocidente, sem que isso represente uma blasfêmia. Eles compreendiam que não era possível falar de Deus e pronunciar seu nome sem ofuscar a perfeição do ser divino. Eles entenderam que as projeções humanas são impróprias para expressar o conceito de Deus. Sobretudo a Europa, a América e outras partes do mundo estão contaminadas por imagens caducas e inapropriadas de Deus, cada dia mais difundidas.

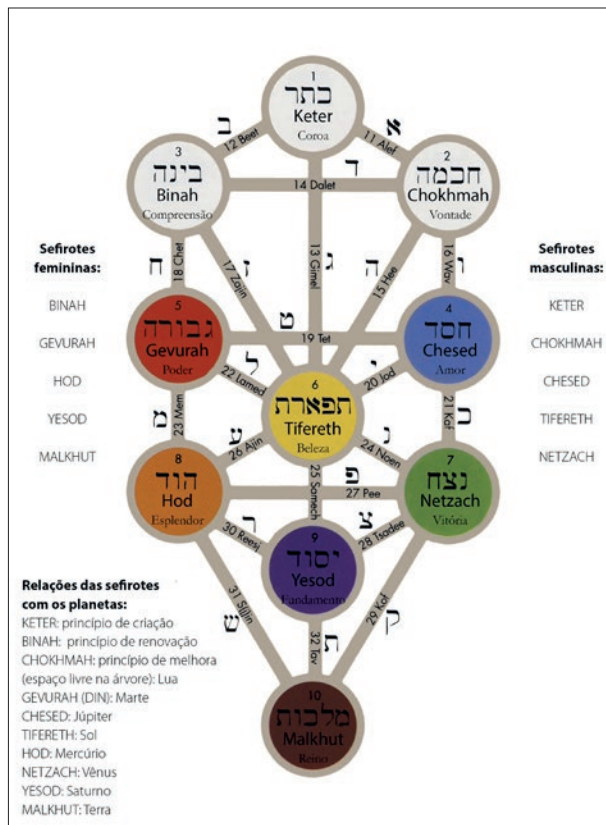
A RELAÇÃO OCULTA É UM ENCONTRO Os místicos e os filósofos herméticos dizem que a relação secreta se torna possível quando se experimenta ser envolto em *Ain Soph*. O Deus de Espinoza pode ser encontrado com a condição de que a consciência compreenda e experimente *Ain Soph*: o Único que mantém o Todo em si, que é infinito e está oculto para a consciência comum. Catharose de Petri, co-fundadora do Lectorium Rosicrucianum, expressou isso de maneira lírica:

“... Pois quem parte em busca da Unidade e vai ao encontro de Deus,

desvenda todos os números e, munido de poder inviolável, avança em Deus de força em força, e não fraquejará no caminho.”

Em outras palavras, quando, ligado a *Ain Soph*, se parte em busca de Deus, no mesmo instante inicia-se a relação secreta com Deus. Adquire-se então pouco a pouco os atributos do homem divino, bem como a possibilidade de decifrar os números ou cifras: as Sefirot. Torna-se um “iluminado” que, de força em força, vive em Deus. Desse modo Espinoza ensina que a luz mística coincide com a luz da razão (conhecimento do coração), assim como o hassidismo do coração se harmoniza com a cabala. De fato, a cabala estabelece que o Deus oculto não tem qualquer relação senão consigo mesmo, estando, contudo, profundamente ligado à sua criação que, por isso mesmo, possui propriedades divinas.

TIKKUN E A DIVINA INTUIÇÃO Segundo Espinoza, na *intuitio dei* – assim ele denomina o mais elevado conhecimento –, o sábio desvenda o mistério da separação aparente. Para os cabalistas, este conhecimento é ao mesmo tempo uma conduta: *Tikkun*, a busca da harmonia com *Ain Soph*. Em Espinoza novamente encontramos *Tikkun* como amor *dei intellectualis*. E na *Intuitio*, o sábio busca a harmonia perfeita com a *Substância*, o que lhe permite decodificar as cifras.



Por esse ângulo, a estrita construção geométrica da *Ética* deve ser compreendida assim: a lógica, inspirada pela razão superior, liga-se à estrutura das emoções, das sensações e dissolve-os no amor, o *amor dei intellectualis*. A medida humana e a medida divina tornam-se visíveis em sua relação pura e original. Assim, o mistério, o que está oculto, pode se revelar.

1. G. Scholem, *Ma'arechen ha eluath*, Mantua 1558 e *Die Judische Mystik (A Mística Judaica)*, Zurique 1957
2. *Como os Breslovs - segundo Rebbe Nachman de Breslov (1772-1810)*, (bisneto de Baal Shem Tov)
3. Dr. F. de Graaff, *Espinoza en de crisis van de westerse cultuur (Espinoza e a crise da cultura ocidental)*, J.N. Voorhoeve, 1977

a árvore da vida

Cabala significa “recepção” ou “revelação”. A cabala é uma doutrina espiritual israelita simbolizada pela árvore da vida e suas dez luzes ou Sefirot. Essa sabedoria primordial foi revelada a Abraão, transmitida oralmente por centenas de anos e, mais tarde, no século XIII, legada à humanidade por escrito no *Sepher Zohar*.

As dez Sefirot são interligadas por 22 “sendas”. Estas estão em concordância com as 22 letras do alfabeto hebraico, que são consideradas a fórmula sublime da Criação divina. Cada letra tem um valor numérico, uma cor e um valor simbólico. As três letras matrizes *Alef*, *Mem* e *Schem* são as três “letras-Mães”, ou seja, são a base para toda a Criação, mas também as demais letras têm significados profundos.

O capítulo II do Gênesis fala sobre duas árvores, dois princípios vitais: a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Desta última o homem não podia comer, isto é, não podia ligar-se a ela, ser nutrido por ela, viver dela. Comer do fruto proibido foi a causa de o homem ter sido expulso do paraíso. Por ter saído da evolução harmônica da unidade divina, Adão caiu na oposição polarizada da dualidade.

As dez Sefirot formam, juntas, uma imagem da Árvore da Vida. Os três círculos à esquerda representam a Sefira masculina; e os três círculos à direita representam as características femininas. Quatro círculos no centro mantêm as características masculinas e femininas em equilíbrio – missão da vida de todo Adão, todo ser humano. A estrela de Davi, com seis pontas, que também é o selo de Salomão, reflete esse equilíbrio. O triângulo da busca terrestre está voltado para o alto; e o triângulo da plenitude di-

vina derrama-se do alto em direção ao que está embaixo.

O significado das dez luzes é profundo, rico e expressivo. Mal conseguimos interpretá-lo com palavras. Nenhuma das dez Sefirot é independente. Juntas, elas formam uma unidade que liga os quatro mundos, que são:

- o mundo do segredo
- o mundo da criação
- o mundo da formação
- o mundo da completa realização

O pequeno mundo do verdadeiro homem, ou seja, o microcosmo, é uma unidade em si mesma e tem suas raízes nos quatro mundos mencionados acima. Portanto, esse ser está inteiramente em concordância com o macrocosmo: ele é o chamado *Adão Kadmon*.

As dez Sefirot são:

Keter ou coroa

Chokhmah ou sabedoria

Binah ou conhecimento, entendimento

Chessed ou amor, misericórdia

Gevurah (Din) ou julgamento, poder

Tifereth ou beleza

Hod ou glória, majestade, esplendor

Netzach ou vitória

Yesod ou fundamento, alicerce do mundo

Malkhut ou reino, realeza

Essas dez Sefirot são unidas por 22 linhas (sendas). A cada senda corresponde uma letra do alfabeto. As sendas representam inteligências, por exemplo: a inteligência renovadora, a imaginativa, a triunfante, a reunificadora, a ordenadora. ✪

realismo mágico

Este artigo também não vai envolver o leitor com a distinção entre magia branca, negra ou cinza, mesmo que uma experiência vivenciada em matéria de magia possa ser uma ajuda para compreender do que se trata, ou seja: defender um comportamento realista-mágico. O ponto de partida é a convicção de que nossa conduta é sempre mágica, ou, em outras palavras: é ela quem determina nossa realidade. O autor tenta colocar claramente diante da consciência do leitor que, se sua maneira de agir simplesmente realista pode ser vivida de maneira mágica, isso significa que ele definitivamente já atravessou uma fronteira. Eventuais experiências anteriores situadas no “limite” (nas fronteiras) serão preciosas – talvez até mesmo indispensáveis para que ele possa compreender melhor do que se trata.

O ponto de partida é essencial: há duas realidades de consciência. Entre as duas, a fronteira está muito bem demarcada. Podemos vê-la como uma muralha que atravessa nossa cidade e que nos separa da cidade antiga – que, aliás, já não reconhecemos.

UMA PASSAGEM PELO SÓTÃO Todos os seres humanos são envolvidos por um microcosmo, e isso quer dizer que todos os aspectos do macrocosmo estão no interior de nosso próprio sistema, nosso pequeno mundo. Como homens microcósicos, pertencemos às duas realidades. Nossa consciência oscila entre os dois polos e não é fácil ultrapassar a muralha que delimita as duas realidades. Já não conseguimos achar a passagem.

O microcosmo representa a cidade antiga – uma das duas realidades. O núcleo do microcosmo, o átomo centelha do Espírito, desperta em nosso coração humano uma reminiscência indefinida. Sentimos um desejo perturbador, que se mistura com certa inquietude: ansiamos por outra realidade.

A condição do microcosmo – para que possa permanecer nesta realidade aqui embaixo, cada vez é habitado por um ser mortal diferente – faz que a outra realidade somente possa falar em nós sob a forma de reminiscência imagética de um mundo maravilhoso, inacessível.

Essa reminiscência nada tem a ver com uma antiga felicidade, com uma relação anterior, nem com todos os que ocuparam anteriormente a morada microcósica, por mais que nela esteja registrado e armazenado tudo o que tenha sido vivido ali. São todos esses tesouros de nosso sótão que exercem certo fascínio sobre nós. Lembre-se de sua infância e de como o sótão da casa de seus avós era atraente! Uma pobre lampadinha e um raro raio de sol revelavam cartões, móveis, tecidos, diversos objetos... um mundo mágico para uma criança que logo se via transportada para um lugar completamente diferente, nas nuvens! Essa viagem pelas descobertas apaixonantes se parece com a viagem que podemos fazer até o interior de nosso próprio microcosmo.

O QUE VEM ANTES DA VIAGEM Pode parecer perturbador – sim, pois será que somos mesmo esse tipo de viajante? – e é bem verdade que

a magia da realidade

O objetivo deste artigo não é falar de um gênero literário, mesmo que o realismo mágico de certos romances, sob um ou outro aspecto, conviesse perfeitamente para interpretar diferentes níveis de consciência. Talvez certa bagagem literária possa servir de auxílio, mas não é indispensável para compreender o que se segue. O romance não se apresenta na vida de todas as pessoas, mas a vida de cada pessoa mostra que pode ser, ao mesmo tempo, uma realidade e um milagre mágico.



Silo, de Peter Vlot

esse tipo de viagem ao interior de nós mesmos é uma forma realista e mágica de agir. Essas viagens nos permitem descobrir quais são os elementos de um eventual passado longínquo que ainda estão determinando nossa existência. São os fios de nosso destino que nos prendem! Eles nos fazem descobrir a construção de nossa prisão. É uma busca interessante, que lança luz sobre o que está impedindo nossa alma de ultrapassar a fronteira: a fronteira do país que ela, na verdade, jamais abandonou.

A alma recebe um chamado, que vem de seu mundo: um chamado para que ela volte para lá. Encontramos isso na *Canção da Pérola* (mito gnóstico transcrito no Evangelho de Tomé): a alma recebe uma carta, trazida por uma águia. Essa carta, que está endereçada a ela, vem da parte de seu Pai-Mãe, do país que um dia ela deixou para trás.

Ela observa as palavras transcritas na carta e sente que correspondem às palavras que traz no coração.

Esse convite que a alma recebe também pode ser visto no livro *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*:

“Uma noite, véspera do dia de Páscoa, estava sentado à mesa e, segundo meu costume, havia conversado com o Criador em humilde oração e meditado sobre grandiosos segredos – pelos quais o Pai das Luzes mostrara-me, em profusão, sua majestade. Desejava, pois, preparar no coração, juntamente com meu bem-amado cordeiro pascal, um bolo ázimo imaculado, quando repentinamente se de-

sencadeou vento tão terrível que nada pude pensar senão que se desmoronara, por força da violência, a montanha em que estava escavada minha casinha. Contudo, tal tentativa do Diabo, que me havia causado muitas penas, não me surpreendeu. Cobrei ânimo e prossegui minha meditação até alguém tocar-me as costas, assustando-me de tal modo que não ousei volver-me. Conservei a confiança, porém, até onde pode fazê-lo a fraqueza humana, em tais circunstâncias. Todavia, ao ser puxado pelo casaco repetidas vezes, volvi-me. Vi então maravilhosa figura feminina, trajando um vestido de cor azul como o céu e magnificamente coberto de estrelas douradas. Na mão direita ela levava uma trombeta de ouro maciço, em que estava gravado um nome que bem pude ler, porém que mais tarde me foi proibido revelar. Na mão esquerda tinha um volumoso maço de cartas, escritas em diversos idiomas, que ela, como soube mais tarde, deveria distribuir por todos os países. [...] Tão logo me volvi, buscou entre suas cartas, extraindo dentre elas uma pequena, que colocou sobre a mesa com profunda reverência, retirando-se de minha presença sem dizer sequer uma palavra. [...] Mesmo fora ela de ouro maciço, não seria tão pesada como era. Ao examiná-la com cuidado, descobri um pequeno selo com que estava fechada. Neste estava gravada uma cruz delicada com a inscrição: *In hoc signo vinces* (Com este sinal vencerás). [...] Abri cuidadosamente, pois, a carta. Nela estavam escritos, em fundo azul e com letras douradas, os seguintes versos:

Um ato mágico é uma experiência fascinante que modifica toda a nossa realidade

*Hoje, hoje, hoje
é o dia das núpcias do rei.
Se para nelas tomar parte hás nascido
e por Deus para a alegria eleito foste,
podes vir até a montanha
em que os três templos se encontram
e lá o milagre contemplar.*

*Sê vigilante!
Examina-te prudentemente!
Se não te purificares,
As núpcias podem causar-te dano.
Quem dos pecados não se lavar,
Demasiado leve achado será!*

Embaixo estava: *Sponsus et Sponsa* (esposo e esposa)

Esta narrativa é, portanto, um convite para as núpcias reais. Ao mesmo tempo, é um convite para iniciarmos o caminho, para subirmos a montanha. E a condição para conseguir um bom desempenho é observada com precisão: estar purificado, lavado de todos os pecados.

A QUEM ESTÁ ENDEREÇADO O CONVITE?

A partir dessa narrativa, percebe-se que a condição para ser convidado é manter uma relação e um diálogo íntimo com “o Pai das Luzes”. E, no coração do convidado, deve ser produzido algo completamente novo, em virtude dos atos que se apresentam: “um bolo ázimo [sem fermento] imaculado”.

Além disso, o realismo é exigido: “Sê vigilante!” Examinar-nos! É preciso estarmos desper-

tos, a fim de ver o que há dentro de nós, de ver o que realmente somos. O que observamos precisa ser colocado à prova: confrontados com a exigência de um “banho de purificação”, precisamos ser lavados de todos os pecados. Cumprir sinceramente essa tarefa é um ato mágico. É uma experiência fascinante que modifica toda a nossa realidade.

Na verdade, o que acontece? Na história da *Canção da Pérola*, vimos a águia que vem do país do Pai-Mãe e traz a carta que, no coração do filho, provoca um efeito de espelho, um reconhecimento. Isso significa que a Luz exterior, que nos convida, pode ser reconhecida como sendo a Luz interior, que brilha no espaço do coração. A linguagem do elemento-Luz em nós faz eco às vibrações da outra realidade de consciência – a realidade do campo de Luz que nos envolve. Esse efeito de ressonância comunica-se com nossa consciência sob a forma de aspiração, de inquietude, de nostalgia. À medida que essa transmissão de força for aumentando, essa ressonância fará explodir nossa crosta endurecida, nossa carapaça protetora. Essa carapaça que se encontra entre a Luz interior e a Luz exterior nada mais é que nossa teimosia arisca, nosso velho pensamento berrando a plenos pulmões.

VAMOS FALAR SOBRE O REALISMO MÁGICO

Nesse momento, existe apenas a inquietude que, com nossa vontade de compreender, nos persegue na Terra, no mundo humano, através da rede de nossas relações. E isso vai aconte-

Vamos removendo delicadamente nosso fio pessoal do tecido, para que ele seja utilizado em uma nova tecelagem, muito mais livre

cendo até que, em nosso sangue, fica registrado o conhecimento de que o país fascinante de nossa pré-memória não fica em nenhuma parte deste globo e percebemos que “a mulher bela e misteriosa” para quem nosso coração parece estar inclinado é uma aparição que não faz parte da multidão humana – como se fosse um cacho de cabelos dourados perdido em nossa pré-memória, embaixo de um casaco cinzento – e, com certeza, também não faz parte do clube seletivo de personalidades supereducadas de nosso meio social.

Então, a busca desenfreada e apaixonada relaxa um pouco e começa uma viagem interior, uma descida a nós mesmos, desta vez conduzida pela alma. Em seguida, aparentemente como um dos personagens de Gustav Meyrink, descobrimos – completamente por acaso – um velho manuscrito em um nicho da antiga mansão. Assim, começamos a fazer uma leitura do passado dos antigos moradores de nossa casa. Estados, climas, predecessores de um passado longínquo, lembranças comoventes ou estressantes, tudo isso nos faz lembrar o motivo pelo qual estamos interessados nesses personagens – e talvez sintamos a proximidade de velhos fantasmas que nos observam e nos convidam para um baile de máscaras.

E aí está a oportunidade, que nos é oferecida, para olhar através dessas máscaras! Existe a Luz exterior e a Luz interior. Entre as duas, está nosso pensamento presente, com suas preocupações bipolares, às quais nossa consciência está acorrentada. Para decifrar essa situação,

precisamos da Luz – tanto da exterior como da interior. Em conjunto, elas terminarão por chegar até nós, tocando nossa consciência e, melhor ainda: expressando-se em nós. Alguma hora, de tanto sermos puxados pela manga da camisa, vamos nos virar para ver que estamos sendo convidados! Resumindo: nossa alma está recebendo uma carta-convite para mudar de rumo e voltar-se para o Pai-Mãe que um dia ela deixou para trás.

O REALISMO VAI ABRINDO O CAMINHO

Quando a consciência sente esse desejo tão especial que jorra da centelha do Espírito que foi tocada, ela somente quer falar sobre isso, cantar seu anseio pelo outro país, seu desejo de unir-se a Deus, à Luz, à felicidade, à beleza, à sabedoria e à verdade. Quando a consciência capta tudo isso e se identifica, a alma se sente como uma jovem adolescente que, apaixonada, sempre está buscando o castelo onde, em uma festa maravilhosa, ela se encontrará com seu bem-amado. Mas, quando a consciência consegue reconhecer que essa aspiração é um desejo da alma, então uma nova possibilidade é liberada.

É uma nova lucidez, um realismo que vai abrindo caminho. O homem se transforma em um mágico realista, preparado para trazer tranquilidade e limpidez ao seu campo de respiração, de tal modo que os raios de Luz, agora menos fragmentados, fiquem mais intensos para que o fluxo de energias construtoras não seja interrompido. Essa possibilidade traz consigo outra magia: a magia gnóstica pela qual o interior, tal como

um espelho sem manchas, imaculado, reflete claramente a nova realidade da consciência para todos e no interior de todos.

Grandes sábios imaginavam a humanidade como um conjunto – como um amontoado de bolas, de volumes esféricos, como se fossem amoras ou framboesas: como uma só fruta composta de milhões de pequenas “esferas” – palavra grega para denominar “bolas”. Nossa esfera ou bola individual está rodeada por uma carapaça. Quando permitimos que a ressonância da luz entre, o escudo protetor do eu se abre e nossa bola se torna mais transparente. A Terra e toda a comunidade humana também estão envolvidas por essa carapaça, um anel delimitador. De certo modo, podemos dizer que a Terra é a humanidade e que a humanidade é a Terra.

Quando todas essas pequenas esferas que são todos os seres humanos se tornarem fontes luminosas e translúcidas, a terra irá ficar muito parecida com um... sol!

O FIO DOURADO DA “VOLTA À CASA DO PAI”
O convite sobre o qual estamos falando tem a intenção de nos fazer tomar nosso rumo, pegar a estrada! Há um caminho a ser seguido. Na primeira etapa é só seguir a luz de seu próprio coração. Para ter mais informação, uma Escola Espiritual é de grande utilidade! Concretamente, trata-se da vida comum – a nossa vida – com todas as suas agitações, seus encontros, conflitos, “bom dia, boa tarde, boa noite”, suspiros de aflição... Se estivermos dispostos a perceber o

realismo mágico, se estivermos preparados para ver que o que nos anima vem da Luz do coração, então cada encontro vai trazer um convite e cada consentimento efetivo vai modificar algo de nosso ser. É assim que observamos que nossos “altos e baixos” não são jogos do acaso nem o resultado de uma existência solitária. Então, começamos a enxergar que há um fio dourado que atravessa todas as situações que sucedem em nossa vida.

Seguir nosso próprio fio dourado passa a ser um movimento de retorno. Vamos removendo delicadamente nosso fio pessoal do tecido, para que ele seja utilizado em uma nova tecelagem, muito mais livre!

E, é claro, ao realizar essa tarefa, vamos nos cruzar com inúmeros fios da trama formada por todos esses romances de homens e mulheres com os quais iremos nos encontrar. Toda relação entre duas pessoas é feita de nós, de laços, de pontos de contatos extremamente individuais. Quando desfazemos este ou aquele nó, percebemos que a ligação se dissolve, desaparece: já não há uma ligação obrigatória, como se fosse ditada pelo destino, limitando nosso espaço e nossa liberdade. Já não há, por exemplo, a predominância de um sobre o outro, nem uma relação afetiva desesperada. Desaparece o sentimento maternal que constrange e pressiona, já não existe aquele desespero diante de uma separação ou da perda de um ente querido... Por outro lado, a liberdade vai ganhando terreno. Afinal, não há nada mais mágico do que renunciar a si mesmo! ✨

a viagem de mantao

C.M. CHRISTIAN*

De onde vens?

As primeiras horas da manhã, quando o campo ainda estava envolvido por sua veste rosada como uma jovem esposa adornada com seus véus, quando miríades de pérolas refletiam a luz do sol, meu pai, o rei Man, e eu mesmo, seu filho Mantao, fazíamos um passeio no magnífico jardim. Quanto encantamento havia no aroma e no esplendor das flores que iam despertando suavemente!

Fizemos uma pausa em um local onde jorrava uma resplandesciente fonte prateada, encantados pelo canto jubiloso dos pássaros empoleirados no alto cimo de uma velha árvore. Essa árvore era tão antiga que ninguém sabia qual seria sua idade. De acordo com a lenda, ela estava lá, elevando-se firmemente com toda a sua força, desde tempos imemoriais. E ali ficamos ao pé da árvore por um tempo. Em profunda meditação, eu me indagava sobre seu mistério.

“Diz-me, querido pai: o que é o tempo?”

No entanto, Man, meu pai, não respondeu. Nem por isso desisti e refiz minha pergunta: “Diz-me, eu te rogo, meu pai: o que é o tempo?”

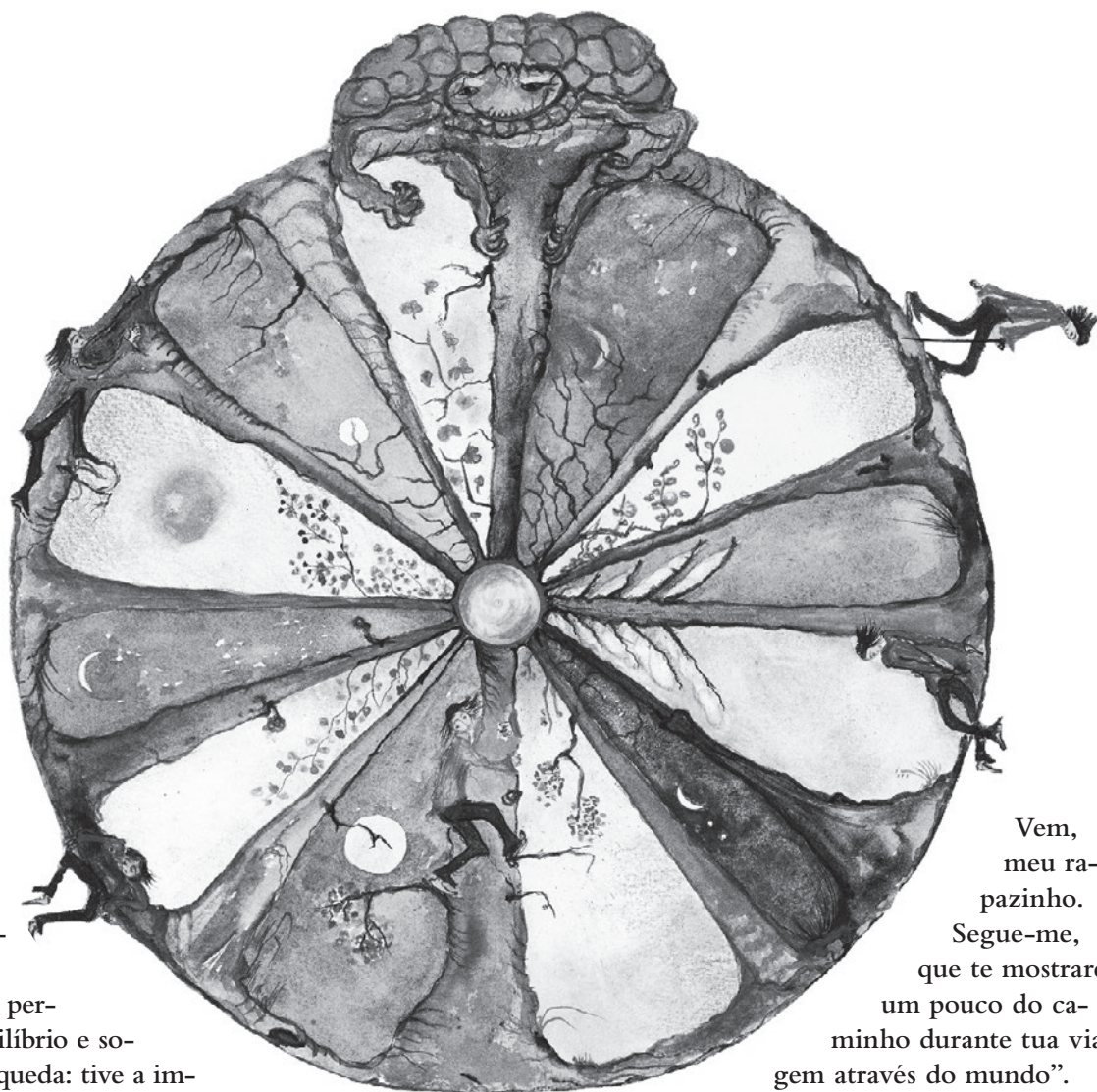
Novamente meu pai guardou silêncio, como se desejasse que eu não houvesse feito a pergunta. Nem isso conseguiu me apaziguar e, com obstinação infantil, indaguei pela terceira vez: “Não saber isso é uma tortura para mim, pai. Se é um segredo, confia-o a mim! É preciso que eu saiba: o que é o tempo?”

Uma sombra deslizou pela frente de Man; logo ele a varreu para longe de si. Então, amigavelmente, ergueu a mão e apontou para a velha árvore.

“Se persistires e quiseres realmente sabê-lo, meu menino, primeiro colhe para mim, no alto cimo desta árvore, o fruto mais belo!”

Muito zeloso e feliz, aproximei-me do tronco. Como era notável essa árvore! Logo comecei a subir por ela até ficar envolvido por sua rama. Quanto silêncio à minha volta! Eu me sentia envolvido pelo mistério e, ao meu redor, volteavam maravilhas. Os pássaros haviam cessado de cantar, as folhas já não sussurravam, lágrimas douradas escorriam pelos galhos, e, na ramada planava um profundo silêncio. Eu ia me aventurando cada vez mais alto através da densa folhagem. Uma pomba me seguia, arrulhando suavemente até eu alcançar o cimo. Lá, descobri acima de mim o mais delicado dos frutos. Seu odor era suave. Poderíamos dizer que era um fruto de ouro completamente maduro, incrivelmente belo. Fiquei tão espantado que não ousava nem sequer estender a mão em sua direção. Subitamente, ouvi um sibilar acima de mim. Inclinei a cabeça e enxerguei uma pequena serpente que se contorcia.

“Segue meu conselho!”, disse ela, “antes de levar o fruto a teu pai, morde-o e vê o que há dentro dele. Assim, saberás tudo o que queres saber”. Eu a escutava, fascinado. Porém, quando senti uma sombra sobre minha cabeça, disse a ela: “Não, não! Quero primeiro levá-lo a meu pai.” “Escuta”, insistiu a pequena serpente, “este fruto divino traz em si o segredo do Tempo! Teu pai não irá revelar-te esse segredo. Portanto, se queres conhecê-lo, morde-o e vê o que há dentro dele!” No mesmo instante meu coração se pôs a tremer de desejo. Um anseio até então desconhecido tomou conta de mim. Estendi a mão em direção ao fruto... Ainda ouço o arrulhar plangente da pomba. Tremendo, colhi o fruto e, logo que o tive em minhas mãos... o mordi e olhei para seu interior. Ah, como lamentei ter feito isso! O fruto me escapou das mãos e rolou lá para baixo, muito longe



de mim. Como que atingido por um raio, perdi o equilíbrio e sofri uma queda: tive a impressão de mergulhar, através da fonte, em um abismo.

Quando despertei, tudo à minha volta estava escuro e endurecido. Já não havia luz. Havia desaparecido o esplendor, a coroa, as vestes resplandescentes. O reino do Pai-Mãe-Filho estava esquecido. Meu olho solar estava fechado. Tudo o que havia à minha volta era uma noite fria. Eu me arrastava, engatinhando, de pedra em pedra, de arbusto em arbusto. Súbito, ouvi uma voz: “Olha! Temos um novo hóspede no reino!” “Onde estou?”, perguntei, enquanto ia me esgueirando como um animal medroso, rastejando pela terra. Uma tartaruga gigante saiu de seu buraco e me respondeu: “Estás no reino do soberando de duas cabeças! Ele reina com muitos ‘sins’ e ‘nãos’, com ‘sinto muito!’ e ‘Ah-há-há!’.

Vem, meu rapazinho. Segue-me, que te mostrarei um pouco do caminho durante tua viagem através do mundo”.

Docilmente, segui a tartaruga na poeira. Ela me explicou muitas coisas: “Ergue a cabeça! Estás vendo aquela luminária ali? Pois bem: a partir de agora, ela será teu sol. Ela fornece luz somente durante o dia, quando não está oculta pelas nuvens. Ela pode também queimar tua pele. Ela é o espelho do verdadeiro Sol e oferece, durante certo tempo, um pouco de sua força para os seres que vivem na Terra: ela também lhes oferece luz para seus olhos. É por isso que deves ser reconhecido a ela, pois sem ela estarias perdido! Além disso, olha: à noite uma lente de prata lá de cima ilumina o mundo - é a Lua. Ela te liga à rede dos sonhos, tecida com os fios multicores de teus desejos, a fim de que jamais eles deixem de ser saciados, tanto na infelicidade como na felicidade.

*... aqui, eu me encontrava como um rei em meio a cavalheiros e damas de grande distinção – Ah, que felicidade!
... ali, precisava deixar tudo para trás e fugir para longe de uma cidade incendiada – Oh, que infelicidade!*

E lá adiante, na feérica tranquilidade da veste da rainha da noite, estás vendo todos aqueles pontinhos brilhantes? São as estrelas. Com seus olhos gelados, elas te atraem com seus fios, de alto a baixo, da esquerda para a direita, bem perto ou longe, no mundo inteiro! De acordo com tuas expectativas, elas te mostrarão, talvez um dia, o sentido do mundo”.

E assim ela foi me ensinando muitas outras coisas, a velha tartaruga, sábia guardiã do reino do soberano de duas cabeças. Subindo e descendo, eu ia seguindo seu rastro, dia e noite, noite e dia, a fim de aprender a caminhar no movimento circular do relógio do mundo.

Um dia, sem dúvida exausta de me mostrar tudo, ela me abandonou e arrastou-se para seu buraco, para que eu fizesse meu caminho por mim mesmo. Desde esse momento, só consegui andar em círculos. No entanto, logo me dei conta de que eu havia sido seguido secretamente. Dois camaradas muito estranhos dançavam à minha volta, zombando de mim e me provocando, ora debochando ora fazendo elogios.

Brincavam comigo suspirando “Oh!”, ou gargalhando “Há-há-há!”. Poderia jurar que queriam me prender. Cada um manjava um espelho ligado a uma haste longa – um com “Oh” e outro com “Ah!”. Ficavam me rodeando sem parar: “Olha aqui! Olha ali!”, “Oh!”, “Ah!”. E assim eles iam me arrastando, criando em mim desejos diferentes. Muitas vezes eu desistia e caía em armadilhas. Eu estava preso aos espelhos “Oh” e “Ah!” por meio de todos os meus sentidos.

Quando olhei para um deles, vi-me deitado em um berço na casa de minha mãezinha: crianças brincavam ao Sol, correndo atrás de borboletas, em uma pradaria florida. – Ah!

Quando olhei para o outro, via, na escuridão à minha volta, uns camaradas esquisitos, armados com porretes. Eles baterem em mim até quase me matar, e ouvi meu próprio grito de morte. – Oh! Ah-há! Então, eu já estava ali, sentado ao pé de uma fonte onde jovens encantadoras enchiam seus jarros e me atraíam, rindo, para que eu fosse beber com elas.

Oh! De repente eu já estava lá, entre velhos exaustos, atormentados e indefesos, rodando em círculos, mancando. Abandonados, os infelizes se arrastavam rumo às suas tumbas.

Aqui, em salas suntuosas, eu me encontrava como um rei em meio a senhores e damas de grande distinção, me embebedando de glória, riqueza e poder, como entoxicado por um vinho delicioso – Ah! Ah-há!

Ali, eu estava ajoelhado com os mancos e mendigos chorosos, atormentados pela miséria, corroídos pela lepra, nos degraus de mármore dos palácios dos ricos. – Oh, oh, oh!

Aqui, eu vivia com uma esposa corajosa e um círculo alegre de filhos e filhas. Uma verdadeira bênção, esse tranquilo espírito familiar! – Que felicidade!

Ali, em uma cidade incendiada, eu tinha de deixar para trás todos os meus bens e fugir do inimigo, com mulheres e crianças em prantos. – Que infelicidade!

Aqui, eu era um erudito entre sábios, honrava a ciência e me enriquecia com tudo o que havia de prudência, saber e arte. – Que felicidade!

Ali, eu chafurdava na lama de minhas paixões, onde a volúpia e a dependência nutriam o pecado e o vício – e onde o temor do castigo atraía sofrimento, doença e morte. Oh, meu Deus!

Aqui, eu ficava fascinado com as maravilhas do Todo Poderoso e seu múltiplo esplendor, pelo jogo dos elementos e do insaciável instinto de vida.

– Ah! Que maravilha!

Ali, eu me via frente a frente com a impotência das criaturas, a adversidade, a decadência, a decomposição, a destruição e a morte inevitável. – Miséria!

Aqui, eu descobria as artes e magníficas obras, imaginadas de forma genial pelos pensadores e executadas com destreza pelos artesãos: tantas expressões de todos os povos e de suas culturas florescentes. – Quanta beleza!

Depois, abria-se para mim o inferno e sua maldade, com as obras astutas cheias de mentiras ardilosas: o reino da cupidez, do poder e da ilusão. – Oh! Cala-te!

Em seguida, eu encontrava as primícias da primavera iminente da fé, da esperança e do amor. Como isso fazia bem!

Mas logo o frio, a pura inveja, a hipocrisia, o ódio, a iniquidade, a crueldade, a tirania e a subserviência iam se desvelando diante de meus olhos. – Que horror!

Quanto tempo vagueei assim, sem rumo, em meio à engrenagem do relógio do mundo, com seus Ahs! e Ohs!, suas felicidades e infelicidades? Já não sei. Quantas vezes fui pendurado nessas rodas, ora subindo, ora descendo, do berço ao túmulo, do túmulo ao berço, ora mais baixo, ora mais alto, em um circuito delirante? Já nem sei mais.

Só sei de uma coisa: eu era prisioneiro dos jogos dos espelhos das forças gêmeas do soberano de duas cabeças! Tudo o que eu sentia, tanto de prazer como de dor, acabava se revelando como sempre como uma quimera, uma ilusão, de tanto que eu era enganado pelo vai e vem incessante dos espelhos.

Um dia, finalmente, fiquei farto de tudo isso.

Cansado de tanta ilusão. Exausto de tanto ser jogado de alto a baixo na engrenagem do relógio, na roda do tempo. Farto do jogo das mudanças com seus Ahs! e Ohs!, sempre com seus Sins e Nãos logo em seguida. Farto do nascimento e da morte, do dia e da noite... Eu queria ficar livre das forças gêmeas!

E então, de repente, aconteceu! No meio de uma noite de angústia interior, as estrelas brilharam acima de mim, de um jeito tão luminoso, mais resplandecentes do que nunca.

Ajoelhei-me. Do fundo de meu coração elevou-se uma chama, um ardente desejo. Uma voz falou dentro de mim, muito serena e doce: “Esqueceste o Outro em ti, o Pai-Mãe-Filho, e nosso Reino de Luz? Será mesmo que esqueceste completamente da veste de luz, da coroa, da fonte e da velha árvore, da pura claridade do espaço ilimitado...?”

Quando ouvi essas palavras, pus-me a chorar amargamente. Enquanto vertia minhas lágrimas, entregue a meu desespero, subitamente senti um toque leve e enternecido em minhas costas. Então, eu me virei. Era um burrinho de olhar fiel, de fronte clara, que trazia uma flor em seu focinho. Ele colocou a flor diante de mim e disse: “Irmão dos homens, deixa-me auxiliar-te em teu caminho de volta!”

“De volta? Então sabes que sou um estrangeiro neste mundo?”, indaguei-lhe, surpreso.

“És um estrangeiro aqui e desejas voltar ao reino de teu Pai. Mas sabes realmente por que estás aqui?”

“Não sei”, confessei com suavidade.

O burrinho murchou as orelhas.

“Perdeste uma coisa maravilhosos. Primeiro, tens de reencontrá-la, antes de voltar para perto de teu Pai.”

“Perdi algo maravilhoso?”, gritei, espantado. “E o que seria isso?”

“Aguns o chamam de ‘pedra filosofal, a pedra dos sábios’ e outros de ‘o fruto dourado do Paraíso’.”

“Então, vamos sair em busca desse tesouro!” exclamei do fundo de meu coração angustiado.

“Bom, então vamos!”, disse ele.

Menos de uma hora mais tarde, já estávamos tomando a direção do Oriente. Situada em uma alta muralha, havia uma passagem, que nos conduziu a uma portinha, que se abria para uma vasta planície.

Foi assim que o burrinho e eu seguimos caminho. ✪

Continua na próxima edição

* A história da viagem de Mantao é uma adaptação em prosa do livro *Die Reise des Mantao – Eine Perlenlied der Gegenwart* (A viagem de Mantao – uma Canção da Pérola da atualidade), de C.M. Christian, (DRP) distribuído pela Editora Rosa-Cruz alemã – 1944

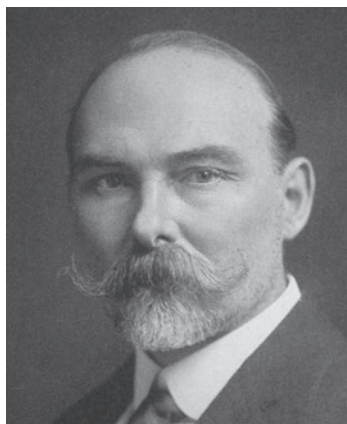
a redescoberta da gnosis III

Na ocasião da aparição em holandês do livro *Ecos da Gnosis*, uma Conferência pública foi realizada em 6 de novembro de 2013, na livraria Pentagrama de Haarlem, nos Países Baixos, sob o título: Por que George R.S. Mead pode ser chamado o primeiro gnóstico moderno. Exporemos aqui a terceira parte dessa conferência.

Grças à descoberta feita em Nag Hammadi, a visão que se tinha dos gnósticos, até então na maior parte obra de seus oponentes, mudou radicalmente. Carl Gustav Jung teve grande significado na difusão do pensamento gnóstico ao convidar Gilles Quispel a fazer um pronunciamento em uma Conferência Eranos*, em Ascona, dando-lhe, assim, a oportunidade e adquirir o Codex Jung, no qual figurava O Evangelho da Verdade.

Poderíamos ver com reserva a maneira como Jung se aproximou e tratou a Gnosis, pois nem sempre o respeito por sua individualidade está contido em sua descrição do inconsciente coletivo e dos arquétipos que são seu fruto. A esse respeito, a ideia do inconsciente coletivo lhe veio ao espírito quando um paciente psicótico lhe contou um sonho cuja descrição correspondia literalmente à de um ritual mitriaco que ele havia lido no livro de Dietrich. Esse ritual é, aliás, igualmente mencionado em *Visões, sonhos e rituais*, onde Mead fala de um conduto – que, para o paciente, é um falo – saindo do sol e produzindo vento assim que ele se põe em movimento. Voltando a falar sobre Quispel, ele foi o primeiro acadêmico a ter tido a audácia de falar, em relação à “gnosis”, como uma “religião mundial”. Aliás, o título da obra que inscreveu definitivamente seu nome no repertório da pesquisa em matéria de gnosis foi *Gnose als Weltreligion* (A Gnosis como religião mundial), datado

de 1951. Contudo, nem mesmo o fato de Quispel ser um cientista perfeitamente conhecedor da tradição gnóstica e ter a esse respeito uma visão muito ampla e até ousada foi suficiente para retratá-lo como um autêntico gnóstico. No início, sua concepção do conhecimento de si mesmo se aproximava muito da concepção de Jung; mas tendo se tornado emérito, e em consequência dos contatos que manteve com a Bibliotheca Philosophica Hermetica, ele ousou falar mais livremente. As fontes do Evangelho de Tomé, reconhecidas como muito antigas por Quispel, são para alguns, anteriores aos quatro evangelhos; mas é com prudência que ele os qualifica de “protognósticos”. Segundo ele, essas fontes poderiam estar baseadas no evangelho aramaico dos hebreus, que continha autênticas palavras de Jesus, o que situaria esse evangelho muito próximo do Jesus histórico. Mas, para um verdadeiro gnóstico, isso não é pertinente, pois a gnosis ensina que não há nada nem ninguém entre o divino e o homem. A “sensibilidade gnóstica” de Quispel é incontestável, como testemunham seus estudos sobre Valentino e sobre o Evangelho de Tomé. Que a herança do pensamento gnóstico constitui uma religião de amplitude mundial, como Quispel chegou a demonstrar, era algo de que George Mead já estava convencido muito tempo antes dele. Como pode acontecer então que a obra de Mead tenha ficado tanto tempo fora dos radares da busca? Seria pelo fato de



GEORGE STOWE MEAD, O PRIMEIRO GNÓSTICO MODERNO

Mead não ser um acadêmico desejoso de renomada reputação científica? Ou por ele não ser um teólogo disposto a manter o ensinamento da Igreja? Ou sobretudo porque ele queria ser um teósofo não apenas de nome, mas sim do mais profundo de seu coração, um amante da sabedoria divina? Essa era, aliás, a razão pela qual ele havia se filiado à Sociedade Teosófica que, na sua opinião, era na época a única instituição a buscar uma verdadeira vida espiritual. Para um homem como Müller (autor dos *Livros sagrados do Oriente*) era incompreensível que alguém desperdiçasse seus talentos relacionando-se com pessoas como a senhora Blavatsky, vista com suspeita em círculos respeitados. George Mead, no entanto, era colaborador próximo de H.P.B. desde sua nomeação e foi seu secretário até a sua morte. E sim, para ele tudo teve início com Helena Blavatsky. Se por um lado ela lhe abriu o caminho, ele, por outro, ousou se associar a ela apesar de sua reputação. Para o mundo intelectual da época, ela era uma figura muito controversa, até mesmo uma impostora e mitômana. Mas esse mundo não se saiu tão bem quando, em sua monumental obra *Isis sem Véu*, ela deu tanta atenção à antiga sabedoria dos mistérios com provas convincentes de um entendimento muito além da compreensão mundial. Dessa forma, Blavatsky provocou uma imensa revolução espiritual na Europa e no mundo inteiro. Ela foi de encontro ao materialismo ascendente e do darwinismo,

que era um fator exponencial contra o dogmatismo eclesiástico, atestando de forma diametralmente oposta a Gnosis em todas as suas manifestações, a história dos perdedores que, segundo ela, continuava a ser escrita. Deixemos que ela mesma fale: “Ainda que os gnósticos fossem exterminados, a gnosis, baseada no saber oculto dos conhecimentos, sobreviveria! A gnosis ou saber tradicional nunca ficou sem seus representantes em qualquer época ou lugar!”. Sem a figura de Blavatsky, a reabilitação dos gnósticos do passado seria inconcebível. Mesmo considerando sem dificuldade a Sociedade Teosófica a única e verdadeira herdeira desse legado gnóstico, ela sabia dos ensinamentos esotéricos subjacentes a todas as religiões e foi quem os tirou do esquecimento e os colocou sob a atenção do grande público. Todavia, temos dúvidas quanto a considerá-la uma gnóstica de pleno direito. Blavatsky também era chamada de “esfinge”, o que seu secretário confirmou: “Ninguém a conhecia verdadeiramente”. Em resumo, ela também era médium, o que constituía tanto sua força como sua fraqueza. Nem sempre havia uma clara visão do pano de fundo de onde lhe vinham seus conhecimentos “secretos”. Hoje, se falaria de mensagens canalizadas, mas, segundo suas próprias palavras, seu trabalho era inspirado por mahatmas, mestres ou iniciados. Durante certo tempo, pareceu claro que estes eram de origem ocidental, mais precisamente do círculo de adeptos que

tinham igualmente inspirado os rosa-cruzes clássicos. Assim como a Sociedade Teosófica era, no princípio, fundamentada no modelo de lojas franco maçônicas, a coluna vertebral de seu trabalho era constituída da herança do pensamento do esoterismo ocidental (pelo menos essa é também a opinião do professor Hanegraaff). Porém, quando, em 1887, Mead se afiliou à Sociedade Teosófica, uma mudança em direção à sabedoria oriental fez-se claramente perceptível, particularmente à do hinduísmo e do budismo. Alguns membros diziam que os adeptos ocidentais haviam abandonado a Sociedade e se encontravam sob a influência dos mestres tibetanos Morya e Koot Hoomi. De fato, pouco tempo depois, em 1878-1879, a senhora Blavatsky e o coronel Olcott transferiram a sede central da Sociedade para Adyar, na Índia. Lá, aconteceram fatos desagradáveis que lhes causaram sérios problemas, o que os levou a ser objeto de inquérito judicial, cuja comissão foi liderada por certo Hodgson, da *Psychical Research Society* (Sociedade da Pesquisa Psíquica). Eles decidiram se demitir da direção da Sociedade Teosófica. Embora mais tarde ela tenha sido absolvida de todas as acusações, o dano já havia sido feito. Além disso, as dificuldades não demoraram a aparecer na secção inglesa, então sob a direção de Anna Kingsford e Edward Maitland, os quais eram coautores de um livro magnífico: *O caminho perfeito*; ou, a descoberta de Cristo. Este livro, pela primeira vez na época moderna, descreveu de maneira brilhante o caminho de iniciação cristão-hermético e que, surpreendentemente, já fez referência à base hermética e, portanto, egípcia do cristianismo. Foi precisamente porque a Sociedade Teosofica já não dava a ele a importância desejada que os dois autores

citados a deixaram. Por uma razão similar, o poeta irlandês W. B. Yeats preferiu entrar na ordem hermética Golden Dawn (Aurora dourada) – um grupo que ainda não dava o devido valor ao ativo participante Arthur E. Waite e que depressa descarrilou quando personagens como Aleister Crowley assumiram posições de liderança. Enquanto isso, a Sociedade Teosófica se tornou palco de uma grave luta por poder que explodiu logo que H.P.B. faleceu prematuramente pouco após a aparição de *A Doutrina Secreta*. Contrariamente ao que era esperado, William Q. Judge não foi nomeado presidente, mas sim Annie Besant, membro recente, sendo que a escola esotérica também foi colocada a seus cuidados, numa clara concentração de poder. Especialmente quando a atenção de Besant se voltou politicamente para a Índia, todos perceberam que deviam desistir da verdadeira escola de caminho interior com a qual sonhavam. Foi exatamente o que aconteceu com a chegada do bispo Leadbeater, que introduziu um ritualismo e um cerimonialismo tão estranhos quanto superficiais, sem falar das diversas extravagâncias como a fundação na Austrália de uma igreja católica à moda antiga. Em seguida, houve ainda a “descoberta” do jovem Krishnamurti como o futuro Maitreya. Em torno dele foi criada a Ordem da Estrela, sendo ele também a figura central dos famosos Campos Estrela em Ommen, nos Países Baixos. ✪

Continua na próxima edição

* Eranos: grupo de discussão intelectual dedicado ao estudo da psicologia, religião, filosofia e espiritualidade, que se reúne anualmente na Suíça desde 1933

nós somos os recriadores

Coletamos
apaixonadamente
o mel do visível,
para guardá-lo
na grande colmeia dourada
do Invisível.

NÓS SOMOS AS
ABELHAS DO INVISÍVEL

Assim inicia a carta, que Rainer Maria Rilke escreveu ao seu tradutor Hulewicz. Ele tenta lhe explicar do que tratam as *Elegias de Duino*, uma obra que iniciara no Castelo de Duino, a poucos quilômetros ao norte da cidade italiana de Trieste, e só terminaria dez anos mais tarde, na Suíça. Em 1912, ele ouviu uma voz em meio a uma tempestade:

*Quem, se eu gritasse, me ouviria
entre as hierarquias dos anjos?
Quem, quando eu chamo, ouviu de
onde eu chamo?
Quem, quando eu chamo, me ouviu
falar dele?
Sua distância se eleva infinitamente
acima de mim.*

Durante as noites no castelo de Duino, às margens do Adriático, Rilke escreveu a primeira Elegia, a segunda, trechos da terceira e depois a décima. Em 1915, ele escreveu a quarta Elegia, em Munique. Devido às profundas feridas que a guerra lhe causou, ele não conseguia escrever. Somente em 1922, quando se isola em uma torre em Muzot, e faz dela sua residência, as próximas Elegias surgem.

Ao escrevê-las, ele é tão exigente que morre pouco tempo depois. Há muitas obras dedicadas a explicar e desvendar as *Elegias de Duino*. Inúmeros estudiosos tentaram sondar o significado profundo desses versos, que acreditavam estar na própria linguagem, mas suas



O anjo das Elegias é esse ser em quem a transformação do visível para o invisível, que nos esforçamos por realizar, já parece concluída



Vinte quilômetros a noroeste da cidade de Trieste, no cimo de uma rocha, que se eleva acima do mar Adriático, localiza-se o castelo de Duino, do século XIV. Um belo jardim com terraço oferece vistas inesquecíveis e belas, e uma escada com duzentos degraus conduz até o mar.

explicações não atingem a essência das imagens pensadas pelo poeta.

Também em sua forma as Elegias não se deixam capturar. Rilke deixou seus versos dançarem além de todas as regras da métrica e da rima; eles abrem um caminho além desse corpo formalista e, assim, escapam a qualquer análise. Apesar de sua força de expressão poética e de seu estilo magnífico, não são versos misteriosos que se referem a um universo poético particular.

Na carta a seu tradutor, Rainer Maria Rilke consegue explicar, com precisão, suas elegias

em linguagem clara e leve.

Assim ele lapida sua própria obra e a torna de uma atualidade apaixonante. É um apelo para que o ser humano inicie sua missão: recriar as coisas, recriar a vida e, portanto, recriar a si mesmo.

As Elegias nos lembram de nossa tarefa, a saber, iniciar uma transformação. Para Rilke, trata-se de um processo íntimo e sério que engendra uma nova consciência conforme descrito nas tradições antigas. Mas ele nos adverte quanto à interpretação de termos como “morte” e “anjo” no sentido da religião católica.

“A verdadeira vida como um todo se estende em dois domínios. O sangue, saído do circuito maior, flui através de ambos: não há nem um aqui e nem um lá, apenas uma grande unidade, onde os seres acima de nós, os anjos, estão em casa.”

“Nós, seres humanos do aqui e agora, jamais estamos satisfeitos neste mundo temporal, nem estamos atados a ele: sempre e repetidamente vamos aos que nos precederam, à nossa origem, e aos que nos sucederão.

O que é efêmero mergulha na profundidade do Ser. E, assim, o que tomou forma não deve apenas ser usado dentro dos limites do tempo, mas devemos, dentro de nossas possibilidades, dar-lhe espaço num sentido superior que nos ultrapassa, mas no qual temos parte. Não no sentido cristão do qual eu sempre me distancio deliberadamente, mas com uma consciência puramente terrestre, profunda e sadiamente terrestre. Trata-se da introdução em um ambiente mais amplo, no espaço mais vasto possível, aqui sentido e observado. Não num além que ainda escurece de sombra a terra, mas num conjunto, no todo. A natureza, os objetos que nos são familiares e que usamos, são temporários e perecíveis. No entanto, são essas coisas que, enquanto estivermos aqui, são nossa propriedade e nossos amigos, elas participam de nossas necessidades e alegrias, assim como já foram familiares a nossos antepassados.

Por isso, é importante não denegrir nem menosprezar as coisas terrenas, porém, justamente por meio dessa característica temporária – que

elas partilham conosco –, esses fenômenos e esses objetos devem ser considerados e recriados com uma clara compreensão.

Recriar? Sim, porque é a nossa missão imprimir essa terra perecível e provisória em nosso ser com tal profundidade que sua natureza ressuscite em nós sob uma forma invisível.”

Durante todos esses anos Rilke manteve amizade com o escultor Rodin, que lhe ensinou a olhar, a olhar verdadeiramente as coisas ao seu redor. Esse olhar devia nascer de uma preocupação e uma concentração de desvendar o mistério, a realidade por trás das coisas. Ao escrever seus poemas sobre as coisas, o poeta se impregnou de tudo o que estava ao seu redor. Ele não rejeitou o mundo, ele tratou de penetrá-lo com cuidado e, mediante o olhar correto, tentou receber uma nova impressão. Nas Elegias ele menciona anjos, mas, em sua carta ele adverte que o termo “anjo” não deve ser mal interpretado.

“O anjo das Elegias é esse ser em quem a transformação do visível para o invisível, que nos esforçamos por realizar, já parece concluída. O anjo é o ser que tem a garantia de ver no invisível um grau superior de realidade. Para nós é surpreendente, porque mesmo que recriemos o amor, ainda nos prendemos ao que é visível.”

As Elegias mostram, assim, o trabalho de incessante transformação das coisas visíveis e tangíveis, que nos são caras, em vibrações e sensações invisíveis de nossa natureza, a qual eleva a taxa vibratória das esferas do nosso universo.



Rainer Maria Rilke, nascido em 1875, em Praga, tornou-se um poeta renomado com suas obras *O Livro das Horas* e *O Livro das Imagens*, ao impressionar o mundo literário com a publicação de duas partes dos *Novos Poemas* 1907 e 1908, que lhe renderam fama mundial.

O mundo literário permaneceu interdito para ele até que essas duas publicações lhe deram celebridade mundial. Esses novos poemas reuniam o melhor das obras de um dos períodos mais férteis, passado em Paris. Rilke, nessa época, estava muito impressionado com o escultor Auguste Rodin, para o qual trabalhou como secretário particular durante algum tempo. “Rodin”, disse ele, “ensinou-me a olhar.” Isso significava concentrar-se intensamente para conseguir ver o mistério por trás da realidade aparente.

Ele se aprofundava em algo, um objeto, um animal, um mito ou uma figura alegórica, até este “algo” começar a viver intensamente para ele, a ponto de lhe falar em uma linguagem realmente nova. Os *Novos Poemas* de Rilke soam complexos em função de seu estilo denso, mas nunca são herméticos, como as obras de seu último período. Suas obras mais maduras, como as *Elegias de Duino* (1912-1923) e os simplesmente maravilhosos *Sonetos para Orfeu* (1924) ilustram sua visão suprassensível do indizível, que ele traduz numa linguagem musical hermética. Em 1926, Rilke morre em um sanatório em Valmont, Suíça, em decorrência de leucemia.

Fonte: <http://www.kunstbus.nl/literair/rainer+maria+rilke.html>

Somos capazes de compreender e penetrar esses versos em seu verdadeiro significado? De olhar para todo o nosso derredor e recriá-los? De ouvir e sentir o pulsar dos dois domínios e, a seguir, unificá-los?

*Observemos novamente,
que tudo que é exterior,
se torna novamente interior.*

*Ouçamos ressoar
o coração que bate.*

Como compreender o que Rilke quer dizer com “olhar verdadeiramente”?

Como “olhar” pode nos levar a uma vida espiritual?

De fato, Rilke não fala apenas da simples observação sensorial, mas sobre a observação como um processo. Enquanto olhamos como espectadores, colocamo-nos em uma dualidade. Mas se “estamos” no Ser sem observar, podemos estar na unidade, ou seja, tudo à nossa volta faz parte de nós. Mas enquanto nos mantivermos na dualidade não poderemos nos elevar à unidade.

No mundo material só o ser humano é capaz de religar os dois mundos – o divino e o material – desde que transforme sua consciência, seu olhar. Assim, ele pode se tornar consciente da interdependência universal.

Se conseguirmos fazer a imagem interior e ligarmos os dois polos, estaremos aptos a nos tornar um homem-espírito. Então seremos verdadeiros recriadores. ❀

as palavras do anjo

*Você não está mais próximo de Deus
e de sua Glória do que nós
mas, veja, suas mãos me dizem
que você é abençoada.*

*Como as de nenhuma outra mulher,
suas mãos são tão finas e tão piedosas.
Eu sou o dia, eu sou o orvalho,
Mas você, você é a árvore.*

*Acabei de fazer uma viagem difícil
a ponto de quase esquecer o que
anuncia você, por Seu mensageiro,
Aquele que reina alto na luz
de mil e um sóis,*

*- o espaço torna-se tão indolente.
Eu sou aquele que começa,
Mas você, você é a árvore.*

*Como um som de tempestade
o amplo bater de minhas asas sussurrava ao descer.
Minha veste larga ondula e preenche
o espaço estreito de sua casa.
Entretanto você é apenas uma criança pensativa,
isolada em seus sonhos:
Eu sou o vento matinal na floresta,
Mas você, você é a árvore.*

*Os anjos estão cada vez mais raros,
estão espalhados, sentem-se oprimidos.
A aspiração que sempre aguarda
é vaga e indefinida.*

*Quiçá em pouco tempo se produzirá
aquilo que crescerá nos seus sonhos.
Eu a saúdo! Aqui está o que revela minha alma.
Você está adornada, radiante.*

*Você é uma porta ampla, elevada
que em breve permanecerá aberta.
Eu o sinto: meu canto ressoa e preenche você
Eu sei: o eco da minha palavra
se fundiu com você.*

*Eu vim. Eu uni
o prodígio ao seu sonho.
Deus pousou seu olhar sobre mim:
Seu olhar que cega...*

Mas você, você é a árvore.

**Rainer Maria Rilke, Die Worte des Engels.
Das Buch der Bilder, Berlim, 1902**

É incrível como a realidade costuma ser a melhor fonte de metáforas espirituais. Um barco que içar suas velas ao vento segue seu próprio curso. Antigamente, um navio aparentemente perdido na vastidão dos mares contava apenas com a posição do sol para orientar seu rumo de navegação, ou somente com o brilho das estrelas da Via Láctea para não se desviar dele. E mesmo assim era conduzido até o porto!

Assim também a arca dos mistérios, em forma de barco, traça seu curso no Mar Acadêmico para chegar ao porto espiritual.

Essa arca é o poder gerador feminino, simbolizado pela Lua.

O Sol espiritual é a força orientadora que mantém a bordo todos os portadores da chama do homem celeste: é assim que o navio permanece na rota correta, previamente definida.